UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral

CECILIA FARIAS DE SOUZA

**Éche o que hai! Um estudo sobre os dativos interacionais
galegos**

Versão Corrigida

São Paulo
2017

CECILIA FARIAS DE SOUZA

**Éche o que hai! Um estudo sobre os dativos interacionais
galegos**

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Mestre em
Letras pelo Programa de Pós-Graduação em
Linguística.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística
Geral

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Evani de Carvalho Viotti

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

FÉ Farias de Souza, Cecilia
Éche o que hai! Um estudo sobre os dativos
interacionais galegos / Cecilia Farias de Souza ;
orientadora Evani Viotti. - São Paulo, 2017.
111 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Linguística. Área de
concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. CH791 . 2. CH791.14.18. 3. CH791.9.1.1. 4.
CH791.20.9.3. 5. CH791.13.7. I. Viotti, Evani,
orient. II. Título.

Folha de aprovação

Dissertação de Cecilia Farias de Souza, sob o título “**Éche o que hai! Um estudo sobre os dativos interacionais galegos**”, apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, na área de concentração Semiótica e Linguística Geral, aprovada em 22 de agosto de 2017 pela comissão julgadora constituída pelos doutores:

Prof.^a Dr.^a Evani de Carvalho Viotti

Presidente

Departamento de Linguística

Prof. Dr. Tomas Finbow

Departamento de Linguística

Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Xoán Carlos Lagares Diez

Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dr.^a Rosario Álvarez Blanco

Universidade de Santiago de Compostela

*Dedico à memória dos meus pais, Zilda Farias e Antônio Carlos de Souza,
que sempre semearam mas nem sempre colheram.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Zilda, minha mãe, por me ensinar o ceticismo, incentivando a descrença no que parece dado como certo, no que é óbvio, fazendo-me sempre desconfiar do que há por trás das verdades certas. Agradeço ao meu pai, Antônio Carlos, por me ensinar a fé, crucial em momentos de incerteza e de dificuldades, necessária nos momentos em que duvidamos de nós mesmos. Agradeço aos dois por me ensinarem, principalmente, a serenidade diante das dificuldades, a vontade de conhecimento e a luta, seja por um mundo mais igual, seja nas conquistas cotidianas.

Agradeço e parablenizo os meus irmãos, Agdo e Gabriela, por se manterem firmes e lúcidos ao meu lado. Aprendemos a ser fortes juntos. Também tenho muito a agradecer à minha família estendida, tias e tios, primas e primos, sempre presentes, sempre unidos.

Agradeço à Lia pelos momentos de calma, pelos momentos de leitura e por me fazer querer ser alguém melhor.

Agradeço aos amigos, tantos e tão presentes nas horas certas que tenho medo de ser injusta. Agradeço ao Vitor pelos cafés sinceros, ajudando a pensar em língua, a espairer e evitar ataques de nervos, agradeço pelas leituras, linguísticas ou não. Agradeço à Juliana e ao Rodrigo pelas cornetadas e risadas, o caminho ficou mais fácil com vocês por perto. À Julia, ao Bruno e à Isadora, também agradeço por estarem no meu caminho. Tenho muito a agradecer a diversos amigos, de dentro e de fora da universidade, pelo suporte nos momentos de fragilidade. Agradeço a todos pelos (grandes) abraços e ouvidos.

Agradeço ao Cleber pelo companheirismo e por acreditar em mim, muitas vezes antes que eu mesma o fizesse. Estendo o agradecimento à sua família.

Agradeço aos amigos do Blog in Casa/Ypê por tantos anos de amizade e discussões culturais e políticas. Ainda que não tenhamos chegado a um consenso sobre qual é o segundo melhor Beatle, são amigos muito valiosos e com os quais aprendo muito.

Quero agradecer a contribuição essencial dos colegas que me tiraram tantas dúvidas sobre sua língua: Isabel, Ana García, Ana Fachal, Alicia, Eduard, Noa, Gabriel. Reservo agradecimentos especiais a Gonzalo e Bárbara, que me acolheram em terras galegas.

Agradeço à Cátedra de Estudos Galegos da USP, representada por Valéria Gil Condé, pela oportunidade de entrar em contato com o galego, além de viabilizar diversas trocas com a cultura galega.

Agradeço ao Instituto da Lingua Galega e à Universidade de Santiago de Compostela, principalmente Ana García e os professores Rosario Álvarez e Henrique Monteagudo, pela disposição a contribuir com as pesquisas de galego dentro e fora da Galiza.

Agradeço aos colegas de LLIC – Laboratório Linguagem, Interação, Cognição e de GEAL – Grupo de Estudos de Antropologia e Linguística pelas discussões profícuas.

Agradeço aos funcionários do Departamento de Linguística da FFLCH-USP Denise dos Santos e Robson Vieira, especialmente Érica Flávia, pela prestatividade e atenção.

Agradeço a Tomas Finbow e Xoán Lagares pela leitura atenciosa do meu relatório de Qualificação. Seus apontamentos foram muito valiosos e contribuíram bastante para o andamento do restante da pesquisa.

Tenho muito a agradecer à minha orientadora, Evani Viotti, que possibilitou tanto aprendizado desde o período da graduação, sempre trazendo discussões pertinentes, estimulando debates e mostrando novos pontos de vista. Obrigada por saber se aproximar e se afastar na hora certa e na medida certa. Sua compreensão e seu apoio foram fundamentais para a conclusão desta pesquisa.

*“Anque as nosas palabras sean distintas
e ti negro i eu branco
si temos semellantes as feridas,
coma un irmau che falo.”*

Celso Emilio Ferreiro (1962)

RESUMO

FARIAS DE SOUZA, Cecilia. **Éche o que hai! Um estudo sobre os dativos interacionais galegos**. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

Enquanto pronomes que vão além da codificação dos participantes de um evento denotado pelo verbo, os dativos interacionais codificam os interlocutores de uma interação no evento de fala. O objetivo desta pesquisa é descrever os processos semântico-pragmáticos envolvidos no uso dos dativos interacionais galegos. Para isso, baseei-me nos estudos de Jakobson (1936), Janda (1988, 1993), Langacker (1987, 2008), Wierzbicka (1988), entre outros, para descrever o processo de conceitualização de um evento marcado pelo caso dativo, definir um protótipo para o caso dativo e descrever algumas de suas extensões semânticas partindo do modelo teórico da Gramática Cognitiva (Langacker, 1987, 1991, 2008), da Teoria dos Protótipos (Rosch, 1973, 1978, 1999) e das discussões sobre extensões semânticas via processos de metáfora e metonímia (Lakoff, 1987; Lakoff e Johnson, 1980; Evans e Green, 2006). Os dados utilizados nesta pesquisa vieram de *corpora* informatizados, o TMILG – Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega e o TILG – Tesouro Informatizado da Língua Galega, e de gravações e anotações feitas de interações com falantes de galego. A partir desses dados, foi elaborada uma pesquisa *on-line* para verificar as possibilidades de usos e interpretações dos dativos interacionais. Esta dissertação mostra duas funções dos dativos interacionais: o dativo interacional de interesse e o dativo interacional de solidariedade. Ambos mapeiam a relação semântica do caso dativo para a esfera do ato de fala e se referem aos interlocutores da interação, mas o fazem de forma diferente. Enquanto o dativo de interesse indica a afetação indireta ou uma avaliação sobre o evento narrado, o dativo de solidariedade atua como um convite para o destinatário se envolver com o conteúdo do enunciado (Janda, 1988, 1993; Maldonado, 1994; Álvarez, 1997; Fried, 2011). Ao utilizar os dativos interacionais, o falante estabelece relações entre um dos interlocutores e o evento narrado. Desse modo, os pronomes dativos também podem ser marcadores de (inter)subjetividade que selecionam um participante da fala como um colaborador ou um compartilhador de opinião (Traugott, 2009; Haddad, 2013).

Palavras-chave: dativo interacional; galego; Gramática Cognitiva; caso dativo; semântica de caso; intersubjetividade.

ABSTRACT

FARIAS DE SOUZA, Cecilia. **Éche o que hai! A study on the Galician interactional datives**. 2017. 111 f. Master's Thesis – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

As pronouns that go beyond the codification of participants in an event denoted by a verb, interactional datives encode the interlocutors of an interaction in the speech event. The main goal of this thesis is to describe the semantic-pragmatic processes involved in the use of Galician interactional datives. To do so, I have employed the works of Jakobson (1936), Janda (1988, 1993), Langacker (1987, 2008), Wierzbicka (1988), among others, in order to describe the process of conceptualizing an event marked by the dative case, to define the prototype associated with the dative case and to describe some of its semantic extensions, based on the Cognitive Grammar framework (Langacker, 1987, 1991, 2008), Prototype Theory (Rosch, 1973, 1978, 1999), and discussions on semantic extensions through metaphor and metonymy (Lakoff, 1987, Lakoff and Johnson 1980, Evans and Green, 2006). The data under analysis are from TMILG – Medieval Treasury Computerized of Galician Language and TILG – Treasury Computerized of Galician Language, and from recordings and notes collected in interactions with Galician native speakers. An online reading test was developed as to verify the possibilities of uses and interpretations of interactional datives. In this thesis, I claim the functions of Galician interactional datives are twofold: the interactional dative of interest and the interactional dative of solidarity. Both functions map the semantic relationship of the dative case onto the sphere of the speech act and refer to the interlocutors of the interaction, but in rather different ways. While the dative of interest indicates indirect affectation or an evaluation of the narrated event, the dative of solidarity acts as an invitation for the addressee to get involved with the content of the utterance (Janda, 1988, 1993, Maldonado, 1994; Álvarez, 1997; Fried, 2011). In using interactional datives, the speaker establishes a relationship between one of the interlocutors and the narrated event. In this way, dative pronouns can also be considered (inter)subjectivity markers, which select a speech participant as a collaborator or opinion sharer (Traugott, 2009; Haddad, 2013).

Keywords: interactional dative; Galician; Cognitive Grammar; dative case; case semantics; intersubjectivity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Elementos que compõem os esquemas	44
Figura 2 – Cadeia de ação básica	45
Figura 3 – Verbos de transferência	47
Figura 4 – Esquema de Janda para o caso dativo	48
Figura 5 – Mapeamento de um domínio para outro	52
Figura 6 – Exemplo de mapeamento: metáfora “Anéis de Saturno”	52
Figura 7 – Transferência no sentido oposto: antonímia	56
Figura 8 – Esquema de Janda para o dativo regido, exemplo de metonímia	57
Figura 9 – Esquema de Janda para os dativos livres	63
Figura 10 – Mapeamento para o domínio do ato de fala	65
Figura 11 – Esquema de Maldonado para o dativo de interesse	66
Figura 12 – Conceitualização do dativo interacional de interesse	69
Figura 13 – Conceitualização do dativo interacional de solidariedade	73
Figura 14 – Conceitualização de uma cena	86
Figura 15a – Arranjo perspectival ótimo	87
Figura 15b – Arranjo perspectival egocêntrico	87
Figura 16 – O <i>ground</i> em relação à entidade conceitualizada	88
Figura 17 – Posicionamento do conceitualizador na região <i>onstage</i>	94
Figura 18 – Posicionamento do falante na região <i>onstage</i>	94
Figura 19 – Posicionamento do ouvinte na região <i>onstage</i>	94

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Migrações dos povos germânicos no séc. III d.C.	19
Mapa 2 – Reinos germânicos em 480	20

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Exemplo de busca por tipologia no TMILG	35
Imagem 2 – Exemplo de busca dos dados no TMILG	35
Imagem 3 – Exemplo de informações temporais em busca no TILG	36
Imagem 4 – Exemplo de dados encontrados em busca no TILG	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1s – Primeira pessoa singular

1p – Primeira pessoa plural

2s – Segunda pessoa singular

2p – Segunda pessoa plural

3s – Terceira pessoa singular

ACC – Caso acusativo

DAT – Caso dativo

E – Entidade conceitualizada

F – Falante

lm – *Landmark*

NOM – Caso nominativo

O – Ouvinte

PE – Português europeu

PB – Português brasileiro

S – Sujeito de conceitualização

TILG – Tesouro Informatizado da Língua Galega

TMILG – Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega

tr – Trajetor

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 O GALEGO	18
1.1 Formação do galego(-português)	18
1.2 Séculos escuros e <i>Rexurdimento</i>	23
1.3 Situação atual.....	24
2 O OBJETO DA PESQUISA	27
2.1 O pronome interacional galego	27
2.2 Proposta de análise	31
3 METODOLOGIA E <i>CORPUS</i>.....	34
3.1 Os <i>corpora</i> informatizados	34
3.2 Pesquisa com falantes	38
4 A SEMÂNTICA DO CASO DATIVO.....	40
4.1 Categoria de caso e protótipo.....	40
4.2 Um protótipo para o caso dativo.....	45
4.3 Extensões semânticas do caso dativo	51
4.4 O dativo interacional	60
4.5 Quadro geral	76
5 UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA	80
5.1 A linguagem como ação conjunta	81
5.2 O processo de conceitualização do evento.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE A – Siglas das obras do <i>corpus</i>.....	106
APÊNDICE B – Pesquisa <i>on-line</i>	107

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é o produto da minha pesquisa sobre o uso interacional do pronome dativo em galego. Ao longo deste trabalho, busquei as acepções desse pronome, sua posição na rede semântica do caso dativo e as funções que desempenha na interação linguística, bem como sua contribuição à construção do significado do enunciado em que se encontra.

A ideia para essa pesquisa surgiu após meus estudos sobre a língua galega tornarem evidente sua proximidade com o português. Tamanha semelhança entre as línguas me fez pensar: Mas o que será significativamente diferente entre elas? E um dos artifícios linguísticos que o galego e o português não compartilhavam – pelo menos não de forma evidente – era o que na literatura sobre o galego é chamado *dativo de solidariedade*.

Em galego, o pronome dativo de 2ª pessoa assume, além da função de objeto indireto (“De**iche** un regalo”), um uso de caráter pragmático (“Quen **che** me dera!”). O mesmo acontece com o pronome dativo de 1ª pessoa (“O neno non **me** come a comida”).¹ Esse uso vai além da codificação dos participantes de uma eventualidade designada pelo verbo e é uma estratégia para incluir um ou mais interlocutores na conceitualização dessa eventualidade que o verbo denota.

A proposta desta pesquisa é contribuir para a discussão das questões semântico-pragmáticas envolvidas no uso do pronome dativo em galego, seguindo, entre outros, as discussões sobre o dativo interacional propostas por Janda (1988, 1993, 2004) e Fried (2011) para o tcheco, de Haddad (2013) para o árabe libanês, e de Maldonado (1994) para o espanhol.

No Capítulo 1, situo o galego na península Ibérica, apresentando um panorama geral sobre a língua galega, sua formação e sua relação com o português – não é tarefa fácil definir a partir de que momento podemos chamar português e galego de línguas distintas devido à sua origem comum, mesmo com diferentes percursos trilhados ao

¹ Em algumas línguas, como o tcheco, também é usado um dativo reflexivo de 3ª pessoa com essa função (“Takto **si** přečteš”, “Então você vai (**se**) ler isso” – exemplo tirado de Janda [1993]). Como o pronome de 3ª pessoa não é usado com função interacional em galego, ele não foi explorado na dissertação.

longo de quase oito séculos.² Também falarei de sua situação atual enquanto língua *minorizada*³ em uma região bilíngue e das políticas linguísticas presentes hoje na Galiza.

O objeto da pesquisa será apresentado no Capítulo 2. Em 2.1, veremos as funções dos pronomes dativos do galego e o que há de semelhante com o português. A análise que proponho para estudar o dativo interacional será apresentada em 2.2, com uma breve discussão acerca de como esse objeto já foi explorado na literatura, além do percurso de estudos que segui em minha pesquisa.

No Capítulo 3, mostrarei o processo de obtenção de dados e a metodologia seguida para lidar com eles. No item 3.1, são apresentados os *corpora* informatizados TILG – Tesouro Informatizado da Língua Galega e TMILG – Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega, como eles se apresentam e como podem ser manuseados. Em 3.2, mostrarei como foi a pesquisa direta com falantes de galego e os critérios na formulação dos questionários.

Começarei o Capítulo 4 apresentando a semântica do caso dativo. Na seção 4.1, trago os conceitos em que me baseei para estudar a noção de categoria de caso e o pronome interacional, notadamente a Teoria de Protótipos (Rosch, 1973, 1978, 1999) e a noção de extensão semântica, bem como os processos de categorização humana e seu reflexo na linguagem (entre outros, Lakoff e Johnson, 1980; Lakoff, 1987; Langacker, 1987, 2008). Em 4.2, a partir do que levantei sobre a semântica do dativo, será exposto o protótipo proposto para esse caso, o seu sentido central e seu potencial agentivo; ainda nessa seção, há uma breve apresentação do dativo no latim, que já apresentava variadas possibilidades de uso, e como o galego e o português mantiveram alguns desses usos. Em seguida, na seção 4.3, veremos algumas extensões semânticas do pronome dativo, e quais relações elas mantêm com o protótipo; veremos extensões via metáfora, metonímia, antonímia e sinonímia; aqui também entra a discussão sobre o dativo de posse e as extensões via mapeamento. Na seção 4.4, entrarei, por fim, na análise do pronome interacional, mostrando como se dá a expansão da esfera de afetação do dativo, mapeando a relação dativa para os participantes da interação. Nesse ponto, apresentarei a discussão presente na literatura acerca dos diferentes pronomes

² De fato, nos estudos filológicos e de linguística românica, muitas vezes o galego figura como um dialeto do português, ou fala-se de galego-português, sem separá-los como duas línguas distintas, a exemplo dos trabalhos de Ascoli, Bassetto, Diez, Elia, Meyer-Lübke, e outros.

³ O termo será explicado mais à frente, na seção 1.3.

interacionais e defenderei uma classificação baseada em sua função no discurso. Veremos o que há de comum entre os dativos interacionais, tornando possível tratá-los como um grupo, mas que também, dentro desse grupo, podemos identificar dois tipos diferentes: o dativo de interesse (visto em 4.4.1) e o dativo de solidariedade (em 4.4.2). Em 4.5, finalizarei o capítulo com um quadro geral de todos os pronomes dativos estudados nesta pesquisa.

No Capítulo 5, trago as ideias propostas por Clark (1996), Goodwin e Goodwin (1992), Cornejo (2004) e outros de que a construção do significado é um processo conjunto, que falante e ouvinte agem de forma conjunta durante a interação a fim de alcançar um objetivo comum, e que os pronomes interacionais são marcas linguísticas usadas para sincronizar as interações (Haddad, 2013), seja ao marcar um posicionamento do falante acerca do que é falado, seja ao buscar a cumplicidade ou solidariedade do interlocutor com o fato narrado. Desse modo, o dativo interacional é capaz de ajudar a direcionar o desenrolar da conversa.

Por fim, apresento a seguir as Considerações finais, com os resultados alcançados na pesquisa, pontos que podem ser futuramente estudados, além da importância de abordar a língua galega como objeto científico.

1 O GALEGO

Veremos brevemente o processo de formação do povo e da língua galega, sua história ao longo dos séculos e um panorama de sua situação atual como língua co-oficial na Galiza. É importante salientar que está é uma apresentação geral, que certamente merece mais atenção para uma discussão mais aprofundada. No entanto, achei importante contextualizar, ainda que superficialmente, um eventual leitor que não conheça a língua galega, sua origem e situação atual.

1.1 Formação do galego(-português)

O galego, falado na faixa noroeste da península Ibérica, é, junto com o português, a língua mais ocidental da România. A região foi ocupada tardiamente pelos romanos (19 a.C.), porém a ocupação humana do território correspondente à atual Galiza é bem mais antiga.

Antes da ocupação romana, parte da península Ibérica era habitada pelos celtiberos. A península era primitivamente habitada pelos *iberos* e foi ocupada pelos celtas no século VII a.C. (povo de origem indo-europeia), formando um “amalgama celtibérico” (Elia, 1974: 65), resultado da fusão de celtas e iberos (Hauy, 2008: 39). A língua predominante foi o celta, que posteriormente sofreu influência da língua dos fenícios e dos gregos, ambos povos que mantiveram colônias na península Ibérica desde antes da Era Cristã, e dos cartagineses, que há muito mantinham relações comerciais com os celtiberos (Bassetto, 2001; Hauy, 2008).

A partir do século II a.C., a península se torna território romano, porém,

só duzentos anos depois da conquista, já no reinado de Augusto, o primeiro imperador, é que a influência romana se mostrou decisiva nos povos conquistados. Pelo prestígio do poder, pela superioridade da cultura [sic] e pelo parentesco da língua latina com a língua céltica, ambas de origem indo-europeia, a romanização foi quase completa. Todos os povos da península Ibérica, com exceção dos bascos, não só adotaram o latim, como também se cristianizaram. (Hauy, 2008: 40)

Inicialmente dividida em duas províncias, Hispânia Citerior (a região nordeste) e Hispânia Ulterior (a região sudoeste), a península Ibérica foi, no ano 27 a.C., dividida pelo imperador Augusto em outras três províncias: a Lusitânia, a Bética e a

Tarraconensis (Bassetto, 2001). Na Lusitânia, ao norte do rio Douro, no noroeste da península, estendia-se uma antiga província romana: a *Gallaecia*. Essa região foi, posteriormente, entre os anos 7 e 2 a.C., anexada à antiga Hispânia Citerior, ficando a Gallaecia (Galiza) na Hispânia Citerior, e a Lusitânia, na Ulterior (Hauy, 2008).

Os suevos, por ocasião das invasões germânicas, se fixaram na Gallaecia e parte da Lusitânia, e lá permaneceram por quase dois séculos; eram um povo de origem germânica ocidental, de um território hoje correspondente a parte da Alemanha, e seu reino ocupou a região do norte do rio Tejo até a Galiza nos séculos IV e V (Bassetto, 2001: 41-42). Após muito tempo de resistência, por volta de 585 os suevos sucumbiram ao domínio visigodo, povo de origem germânica originário do leste europeu, que antes da ocupação da península Ibérica já tinham sido um tanto romanizados, de modo que a contribuição linguística visigótica não foi muito grande (Elia, 1974). O Mapa 1 mostra a origem dos suevos e dos visigodos, e o Mapa 2 mostra as ocupações do território por esses povos no século VI. Ambos foram extraídos de Bassetto (2001).

Mapa 1 – Migrações dos povos germânicos no séc. III d.C.

Mapa 2 – Reinos germânicos em 480

Adaptados de Bassetto (2001).

Com exceção da tiponímia, essa sim muito rica, não há registro de grande contribuição linguística dos povos suevo e visigodo ao romance falado na região, porém tiveram importância capital no rompimento definitivo com a unidade romana, e, “enquanto o latim escrito se mantinha como a única língua de cultura, o latim falado evoluía rapidamente e diversificava-se” (Hauy, 2008).

A partir do século VIII, povos árabes, em sua maioria mulçumanos, invadiram a península Ibérica – fato que será determinante na sua formação linguística, cultural e política, principalmente na região centro-sul.

Ao longo dos séculos XI a XIII, os reinos cristãos organizaram o movimento da Reconquista e aos poucos foram recuperando as terras conquistadas pelos árabes. Como

esse movimento se deu do norte para o sul da península, os mouros foram ficando restritos às regiões meridionais. Isso explica o fato de a influência linguística e cultural dos mulçumanos ter sido menor na região setentrional. Logo, a influência árabe foi superficial na região em que se formou o galego-português (Bassetto, 2001; Hauy, 2008; Monteagudo, 1999).

Por volta do ano mil d.C., a România havia se fragmentado numa série de regiões em que o romance era falado de maneira diversificada, com diferentes substratos presentes em cada região desempenhando papel fundamental na formação de cada língua (Maurer, 1951). Vale ressaltar que, durante a Idade Média, não havia fronteiras políticas claras; os centros políticos estavam antes ao redor de senhorios, feudos e principados, e não havia imposição oficial de língua ou cultura, apenas da religião cristã. As fronteiras entre os reinos eram imprecisas, porosas e cambiantes, de modo que não havia uma identificação nacional centralizadora, possibilitando outros alinhamentos identitários (Monteagudo, 1999: 84). Quando os reinos cristãos se firmaram, a língua romance já estava praticamente estabelecida (ou ao menos reconhecida como uma língua diferente do latim). Nesse período, a Igreja passa a fazer a liturgia “*in rustica romana lingua*”, termo que se refere ao falar local, em oposição ao latim clássico, e há os primeiros registros de autores da lírica trovadoresca em galego-português.

Segundo Monteagudo (1999: 84), no início do período medieval, as línguas romance eram percebidas como unidades linguísticas difusas, e a duras penas se distinguem fronteiras que permitissem identificar subunidades definidas, já que as variações entre as falas dos territórios e seus contínuos eram progressivas e pouco perceptíveis, sem que houvesse modelos de referência que fixassem e agrupassem os traços distintivos.⁴ Linguisticamente, é provável que, de um extremo ao outro da península, houvesse na realidade um *continuum* gradualmente diferenciado.⁵

O galego foi a língua política e da cultura em todos os reinos centro-ocidentais da península Ibérica, com Santiago de Compostela como cidade culturalmente

⁴ Para o autor, a emergência da escrita direta em romance teve grande impacto na consciência linguística de seus falantes.

⁵ Para mais informações e uma abordagem diferente sobre o processo de diferenciação do latim e das línguas romance, recomendo o trabalho do filólogo Roger Wright. Para uma visão mais ampla, recomendo a leitura do capítulo de Finbow (2011) “A formação dos conceitos de ‘latim’ e de ‘romance’”, em: Lagares, X. C.; Bagno, M. (orgs.) *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial. Não trouxe a discussão proposta por Wright por uma questão de limitação da extensão do trabalho; de fato, uma dissertação inteira poderia ser dedicada ao tema.

hegemônica, e até finais do século XV e princípios do século XVI, o galego-português teve um uso praticamente oficial, junto com o latim, tanto no território atual da Galiza como em Portugal (Hauy, 2008).

No século XII, ocorre a separação política entre Portugal e Galiza. A partir de então, a Galiza passou a ser parte do reino de Leão (posteriormente de Castela), e Portugal tornou-se um país independente. A língua desta nova nação (até então a mesma da Galiza) sofreu alterações, muitas influenciadas pela expansão do país para o sul, onde recebeu contribuições dos moçárabes,⁶ até tornar-se uma nova língua. O centro linguístico irradiador do português passou a situar-se no sul, afastando-se do galego e dos dialetos do norte de Portugal. Contudo, mesmo depois da independência, a literatura – chamada trovadoresca devido à influência provençal –, continuou sendo escrita em uma espécie de *koiné* literária, denominada modernamente galego-português.⁷

Quando Portugal se separou da Galiza, no séc. XII, era o galego-português o idioma falado em toda a região da Galiza e da nascente nação portuguesa e, por três séculos ainda, foi o veículo da produção poética trovadoresca em toda a Península Ibérica. (Hauy, 2008: 42)

Como já dito, torna-se difícil precisar em que momento galego e português passaram a ser tidas como línguas distintas, mas podemos considerar fatos extralinguísticos para buscar explicar um fenômeno intralinguístico. Foi um fator importante a divisão política entre o condado portucalense e o reino de Galiza.

A partir do século XV, o português seguiu seu rumo como língua nacional, e o galego permaneceu quase sem cultivo literário durante vários séculos, pois a língua oficial imposta na Galiza foi a língua de Castela. Todavia, a língua galega se manteve no uso oral, sendo mais preservada pela população rural, na qual a penetração da língua oficial por meio da expansão do ensino nos séculos seguintes foi menos intensa.

⁶ População românica cristã da península Ibérica que vivia em territórios conquistados pelos muçulmanos. “Palavra derivada de um particípio árabe que significa ‘submetido aos árabes’” (Hauy, 2008: 41).

⁷ Monteagudo fala de uma especialização de diferentes romances em gêneros literários distintos (1999: 91), cabendo ao galego o papel de língua da lírica trovadoresca nos reinos do centro-oeste da Hispânia.

1.2 Séculos escuros e *Rexurdimento*

Ao serem integradas a Igreja e a nobreza no poder monárquico dos Reis Católicos, o galego foi negado pelas instituições, mas se manteve firmemente como língua falada. Por conta de seu isolamento geográfico e político, o galego foi mantido, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, como língua de uso familiar, não apropriada para documentos legais e sem condições para fazer sobreviver uma literatura própria.

Castelao diz, em *Sempre en Galiza* (1944 [2014]: 267), que o castelhano⁸ se impôs na Galiza não por “superioridade cultural de Castela”, mas por imposição oficial do Estado, “dende a Escola, a Cátedra, o Púlpito, a Tribuna, o Tribunal, a Oficina e o Coartel, o dedo erguido do Estado hespañol impoñía silencio aos que intentaban falar en galego”, não podendo impedir, apesar de tudo, que a Galiza conservasse o seu idioma na oralidade.

Durante muito tempo, o galego foi associado a uma língua falada pelos *labregos*, moradores de áreas rurais da Galiza. Apenas no século XIX, quando foram redescobertas e estudadas as cantigas trovadorescas escritas em galego-português, os filólogos se dedicaram ao estudo dessa língua, agora como uma língua com registro gráfico e histórico. Um movimento conhecido por *Rexurdimento* marca a revitalização da língua galega como veículo de expressão social e cultural, como veremos a seguir.

O século XIX marca a definitiva consolidação dos Estados nacionais, com os ideais do Romantismo de identidade nacional, ascensão do liberalismo burguês e desmantelamento da sociedade estamental do Antigo Regime (Villares, 2004 [2015]). Nesse período, fala-se de ‘soberania dos povos’, modelando-se identidades nacionais baseadas em tradições étnico-culturais, e, obviamente, a língua se apresenta como um elemento central nesse processo (Monteagudo, 1999: 290). A Espanha adotou uma postura ultracentralizadora, um modelo de administração do Estado baseado numa ideologia nacional-espanhola, com o interesse de uniformizar o conjunto da população, considerando-se que “o fundamento máis sólido do estado nacional o constituía un pobo

⁸ O termo *castelhano* será empregado para diferenciar o idioma das outras línguas da Espanha – como o catalão ou o basco –, enquanto o termo *espanhol* será usado para se referir à mesma língua, mas em contraposição ao idioma de outros países (como o português, por exemplo).

nacionalmente (isto é, política, cultural e lingüisticamente) homoxéneo” (Monteagudo, 1999: 293), o que exigia o emprego de uma língua única de uso geral.

Contudo, ainda que esse cenário não favorecesse o uso público do galego, o forte processo emigratório desse período despertou em muitos galegos emigrados a consciência de sua identidade enquanto comunidade histórica. Além disso, paradoxalmente, os processos hegemônicos do castelhano produziram efeitos contrários na Galiza, com grupos intelectuais galeguistas que, como em outras partes da Europa, começaram a se apropriar dos ideais românticos de nação para promover sua língua e cultura (Villares, 2004 [2015]).

Nesse período, o Romantismo redescobriu as raízes das nacionalidades, dentre as quais a língua é uma das mais importantes. Na segunda metade do século XIX, há grande avanço no cultivo da língua, e o idioma galego começa a ser reivindicado como símbolo da nação (Villares, 2004 [2015]). Ao longo desse importante renascimento literário, que retoma as tradições e valores da terra e do homem galego, surgiram grandes literatos galegos (como os escritores Murguía, Curros e Pondal), entre os quais se destaca a figura de Rosalía de Castro, autora do primeiro livro publicado em galego, *Cantares Gallegos*, no ano de 1863.

Essa retomada do idioma nacional leva a reivindicações de oficialização e introdução do galego no ensino, com fins de eliminar a superposição diglössica do castelhano, começando assim a dinâmica de conflito que será abordada na seção a seguir.

1.3 Situação atual

A guerra civil na Espanha (1936-1939) culminou na longa ditadura de Francisco Franco, que reprimiu as nacionalidades periféricas e proibiu o uso de suas línguas locais, levando ao declínio do uso do idioma e da produção literária galega, com muitos intelectuais sendo fuzilados, presos ou exilados. Com o fim do período franquista, as regiões históricas tradicionais obtiveram sua autonomia, podendo também usar sua língua, paralelamente ao castelhano, língua oficial de todo o Estado. A partir de 1981, a Galiza se organiza jurídica e administrativamente como uma Comunidade Autônoma

dentro do Estado espanhol (Villares, 2004 [2015]). Após aprovar-se a Lei de Normalização Linguística, em 1983, houve uma forte promoção do galego, com resultados que muitas vezes vão em sentido contrário.

Hoje, na Galiza, o galego e o castelhano são línguas reconhecidas como oficiais na Constituição Espanhola (1978) e no Estatuto de Autonomia (1981). No convívio cotidiano, há um amplo uso do galego falado e escrito. A proporção de uso do galego e do castelhano variam a depender da região; os fatores que influenciam nisso são, quase sempre, relacionados ao histórico local, desde a economia local até o processo histórico de ocupação do território – não vou entrar na discussão sobre esses processos. A literatura em galego vem cultivando todos os gêneros e tem produzido muito nessa nova fase, com muitos escritores e poetas. Também há uma grande produção cinematográfica e teatral. De um modo geral, a Galiza é uma comunidade bilíngue, porém galego e castelhano não estão em relação de paridade.

Segundo dados do Instituto Galego de Estatística (consultado em <<https://www.ige.eu>>), em 2003, 61,21% dos galegos afirmavam falar só ou majoritariamente em galego, enquanto 38,29% afirmavam falar só ou majoritariamente em castelhano; 52,02% afirmavam que aprenderam a falar em galego, 30,07%, que aprenderam a falar em castelhano, e 16,31%, nas duas línguas. Segundo as estatísticas, três milhões de pessoas falam ou sabem falar galego. O galego predomina como língua oficial das instituições públicas: os concelhos, a Xunta (órgão administrativo da comunidade autónoma), a câmara, as universidades produzem sua documentação administrativa nessa língua. Contudo, mesmo com o estímulo da Xunta de Galicia para o uso do galego em todos os setores da comunidade, os meios de comunicação ainda usam o castelhano em sua grande maioria, havendo pouca presença do galego nos jornais, nas emissões de rádio e televisão, na publicidade que anuncia bens e serviços. Ainda que existam rádio e canais de televisão que usam o galego, na mídia usa-se majoritariamente o castelhano. Esses são sintomas de minorização.

O termo *minorizado* se refere, como diz Lagares (2011), baseado no sociolinguista Lluís Vicent Aracil (1983), à condição minoritária imposta a variedades linguísticas. Não está relacionado a aspectos numéricos, de quantidade de falantes:

Essa condição tem a ver com a possibilidade ou impossibilidade de uma variedade linguística exercer determinadas funções sociais numa comunidade humana e num momento histórico concreto. Por esse motivo, um aspecto

característico da condição minoritária é o que Aracil chama de “interposição” ou “mediatização”, o fato de que todas as relações comunicativas entre a comunidade minorizada e o resto da humanidade passem necessariamente através da língua hegemônica, astro de uma constelação que tem as línguas sob seu domínio como satélites. (Lagares, 2011: 170)

Um dos indícios de minorização é quando os falantes da língua minorizada são considerados um grupo dentro da comunidade dos falantes da língua dominante, e os falantes da língua minorizada têm o dever de conhecer a língua dominante, mas não vice-versa. De fato, os falantes de galego são considerados parte da comunidade de falantes de castelhano, e espera-se que a população galega obrigatoriamente fale o castelhano, mas que tenha o *direito* (e não o *dever*) de falar o galego.

Ainda existem discordâncias quanto ao futuro do galego. Alguns preferem que ele se integre o mais possível no português. Há quem procure outras soluções, buscando que ele se consolide como língua mais independente das línguas vizinhas. Não entrarei nessa discussão no presente trabalho, ainda que seja um tema muito interessante e que rende muita reflexão.

2 O OBJETO DA PESQUISA

“Trátase dun risco que tódolos galegos sentimos como moi de noso, moi vencellado á expresión da nosa afectividade.”

(Rosário Álvarez, 1997: 37)

Neste capítulo, apresento uma visão geral sobre o objeto de estudo, bem como os objetivos e as questões abordadas na pesquisa. Na seção 2.1, trago um panorama sobre o que caracteriza o pronome interacional galego em contraste com outros usos do pronome dativo; em 2.2, apresento quais questões norteiam o trabalho e a proposta de análise, desenvolvida nos capítulos seguintes.

Inicialmente intitulada *Descrição do uso de empatia do pronome dativo galego*, optei, ao longo do trabalho, por mudar a nomenclatura dada ao objeto de estudo: de dativo de empatia, passei a chamá-lo *dativo interacional*. A escolha do termo será mais bem desenvolvida e justificada no Capítulo 4, quando veremos a semântica e os usos do caso dativo.

2.1 O pronome interacional galego

Diferentemente do português e do espanhol, há em galego duas formas distintas para a segunda pessoa do pronome acusativo (ACC) e do pronome dativo (DAT): a forma acusativa *te*, com função principal de objeto direto (1), e a forma dativa *che*, usada principalmente como objeto indireto (2). Os pronomes e seus equivalentes na glosa vão em negrito nos exemplos.⁹

- (1) Pero non **te** preocupes que me lembro ben de todo canto me contaches.
Mas não **ACC-2s** preocupes que me lembro bem de tudo quanto me contastes.

Mas não se preocupe que me lembro de tudo o que você me contou.

(TILG1, 2005)¹⁰

⁹ Contemplei apenas o português brasileiro nas glosas, pois o português europeu muitas vezes tem um uso distinto dos pronomes clíticos.

¹⁰ Os exemplos do galego foram, em sua maioria, retirados do *corpus* informatizado do TILG – Tesouro Informatizado da Língua Galega – que será apresentado com maior detalhamento no Capítulo 3 –, ou de Álvarez (1997); indicarei quando se tratar de outra fonte. Nos exemplos dos dados informatizados, indicarei abaixo o código e o ano da obra, que poderão ser conferidos no Apêndice A.

- (2) ¿Puxeches a augha a ferver como **che** dixen?
 Colocastes a água a ferver como **DAT-2s** disse?
Você colocou a água para ferver como eu te disse?
 (TILG1, 2005)

No entanto, assim como outras línguas, o galego tem um uso dos pronomes dativos que vai além da codificação dos participantes de um evento denotado pelo verbo, ou por qualquer outro item lexical que denote qualquer relação que envolva participantes. Chamo esse tipo de pronome de *dativo interacional*.¹¹

Os exemplos (3) e (4), abaixo, mostram o uso do pronome como um participante da ação denotada pelo verbo, sendo o pronome redobrado em (3) – *che* corresponde à forma preposicionada *a ti*. Em ambos os casos, vemos o uso do pronome como objeto indireto.

- (3) Déron**che** a ti canto tiñan.
 Deram-**DAT2s** a você quanto tinham.
Deram para você/Te deram o que tinham.
 (Adaptado de Álvarez, 1997)

- (4) Pois sinto moito, pero non podo decir**che** nada.
 Pois sinto muito, mas não posso dizer-**DAT2s** nada.
Pois sinto muito, mas não posso te dizer nada.
 (TILG2, 1927)

Enquanto o argumento dativo marca uma entidade que participa do evento narrado nos exemplos (3) e (4) acima, o referente dos dativos marcados em negrito em (5)-(7), a seguir, não participa das ações denotadas pelos verbos. Ao invés disso, o pronome dativo indexa um dos interlocutores participantes da enunciação em curso.¹²

- (5) Non **che** sei de nada.¹³
 Não **DAT2s** sei de nada.
(Saiba que) Não sei de nada.

¹¹ Na discussão sobre a semântica do caso dativo no Capítulo 4, veremos que diferentes autores usam termos diferentes para fenômenos semelhantes, como dativo ético ou de empatia; essa nomenclatura será discutida mais adiante.

¹² Como se poderá notar, traduzir o pronome interacional de 2ª pessoa para o português não é algo simples: não parece haver uma expressão única do português brasileiro que possa ser usada em todos os contextos. Quando encontrar uma expressão que possa se aproximar do sentido transmitido, indicarei minha sugestão de tradução em negrito entre parênteses.

¹³ Exemplo anotado em sala de aula.

- (6) Eu vou **che**me retirando, que teño que traballar.
 Eu vou-**DAT2s**-me retirando, que tenho que trabalhar.
Eu vou me retirando, pois (você sabe) tenho que trabalhar.
 (Álvarez, 1997)
- (7) E ademais de ser moi pouco o esterco que alí fixen, era de tan mala casta que
 E além de ser muito pouco o estrume que ali fiz, era de tão mau tipo que
E além de ser muito pouco o estrume que fiz ali, era tão ruim que
- che** me estragou as leiras.
DAT2s me estragou as leiras.
me estragou as fazendas.
 (TILG3, 1807)

Nos exemplos (5)-(7) acima, o pronome dativo *che* não está relacionado ao ato de *saber*, de *retirar-se* e nem de *estragar*, respectivamente. Em (7), além do dativo interacional de 2ª pessoa, *che*, há mais de uma possibilidade de função do pronome de 1ª pessoa *me*, que tanto poderia ser interpretado como um dativo interacional como um dativo de posse, mostrando que as fazendas pertencem ao falante (falarei deste uso mais adiante).

No português brasileiro (PB), o pronome clítico de 1ª pessoa *me* pode ter um uso similar ao dativo interacional galego, como em (8). No português europeu (PE),¹⁴ encontramos um uso que se parece ao uso interacional do galego, com pronomes de 1ª e 2ª pessoas, como em (9) e (10).

- (8) Não **me** vai esquecer as chaves! (PB)
- (9) Tem cuidado, não **me** caias! (PE)
- (10) No inverno, o vento sopra-**te** cá com uma força! (PE)

Até agora vimos interações entre duas pessoas, que são a maioria das ocorrências; porém, quando há mais de um interlocutor, usa-se a forma do plural, geralmente junto com a forma singular: mantém-se o *che* do interlocutor único e acrescenta-se o pronome dativo plural *vos*, como em (11). No trato formal, pode-se usar a forma de 3ª pessoa *lle* – usado como pronome de respeito ou cortesia, fazendo referência ao ouvinte, como em (12) e (13).

¹⁴ Os exemplos do português europeu foram retirados de Miguel, Gonçalves e Duarte (2011).

(11) Está**chevos** boa a comida!¹⁵

Está-**DAT2s-DAT2p** boa a comida!

Está boa a comida! (não é?)

(12) Non **lle** sei.¹⁶

Não **DAT3s** sei.

(Olhe) Eu não sei.

(13) Onde **lle me** vai a rapaza?

Onde **DAT3s DAT1s** vai a garota?

*Aonde **me** vai a garota? (Aonde a garota pensa que vai?)*

(Álvarez, 1997)

Em alguns casos, como em (13), o uso de *lle* não equivale necessariamente a um tratamento mais formal; ao utilizar o pronome de cortesia, dá-se um tom de sarcasmo à pergunta, algo como dizer em português brasileiro “Aonde *a senhora* pensa que vai?”.

A forma usada para o plural pode ser apenas o pronome plural *vos*; entretanto, o que os dados mostram até agora é que dificilmente ele ocorrerá sozinho.¹⁷ O mais comum é a forma *che+vos*. Possivelmente, por ser *che* o pronome interacional por excelência, é como se tivesse que ocorrer sempre para deixar claro que se trata da função interacional. Então, ainda que dados como o de (14), abaixo, sejam possíveis, o mais comum é encontrar (11).

(14) Est**avos** boa a comida!

Está-**DAT2p** boa a comida!

Está boa a comida! (não é?)

Apesar de o uso interacional poder ocorrer com os pronomes singular *che* e plural *vos*, ou com o pronome que expressa tratamento formal *lle* (12), a frequência do uso de *che* é expressivamente maior (Álvarez, 1997).

O uso do pronome interacional pode ser associado a interações em que há alguma intimidade entre os participantes, ou pelo menos em que se busca a criação

¹⁵ Este exemplo foi criado por um falante nativo, a partir de uma solicitação minha a respeito do uso de *che+vos*.

¹⁶ Resposta que recebi de um senhor desconhecido em um ponto de ônibus em Santiago de Compostela. O diálogo foi:

Eu: “Por favor, sabes cal é o autobus que vai á Facultade de Filoloxía?”.

Ele: “Non lle sei.”

¹⁷ Essa observação é confirmada por falantes nativos que têm sido meus colaboradores.

dessa intimidade (Álvarez, 1997; Fried, 2011; Haddad, 2013; Rioboó, 1990, 2004). Vou propor aqui que esse pronome pode ser usado também para *construir* a cumplicidade do interlocutor com o que está sendo falado (discussão presente no Capítulo 5).

Conforme dito por Álvarez (1997), é importante salientar que o uso do pronome interacional exige certo grau de familiaridade com o interlocutor e um contexto coloquial. O uso do dativo interacional fora dessas situações pode ser entendido como um excesso de confiança e, portanto, ser interpretado como descortesia. Mas pode ser usado com o tratamento de cortesia, vide (12), geralmente em interações entre pessoas de idades diferentes ou de *status* diferentes (como em certas relações familiares, podendo acrescentar aspecto mais carinhoso à fala).

2.2 Proposta de análise

Tradicionalmente, os estudos de linguística galega chamam o dativo interacional de 1ª pessoa *me* de *dativo de interesse*. Já os pronomes interacionais de 2ª pessoa *che* e *vos* (singular e plural, respectivamente) e *lle* (3ª pessoa, mas usado como 2ª pessoa de cortesia) são chamados de *dativos de solidariedade*. O intuito desta pesquisa foi estudar essas formas inicialmente como um único grupo de pronomes, aqui chamados *dativos interacionais*, para depois identificar as diferenças entre o uso de cada pronome, além de suas funções na construção da interação.¹⁸

Os estudos encontrados sobre os pronomes clíticos dativos (Jaeggli, 1982; Borer, 1983 (citados em Figueiredo Silva, 1988)), e especificamente do dativo clítico galego (Rioboó, 1990, 2004; Figueiredo Silva, 1988), são quase todos de natureza puramente gramatical, buscando resolver questões como a atribuição de caso, a ordem do clítico na sentença, sua relação com a estrutura argumental, etc. Voltados a aspectos

¹⁸ Não encontrei até agora algum estudo que tenha verificado o uso do dativo interacional de solidariedade nas línguas mais próximas ao galego – português e castelhano –, o que faz parecer que de fato esse é um artifício próprio da língua em seu grupo. No máximo, na *Gramática de la Llingua Asturiana* (2001: 147), há uma menção à impossibilidade de usar o pronome dativo com função interacional em asturiano. “*Pero los pronomes reflexivos átonos enxamás s’empleguen pa espresar interés o participación del suxetu na aición promovida por él mesmu. Esto ye, l’asturianu refuga los reflexivos llamaos ‘dativos’, ‘dativos d’interés’, ‘dativos superfluos’, etc.*”

morfossintáticos, principalmente à luz da Teoria Gerativa, quase sempre tratam seus aspectos semânticos e pragmáticos apenas superficialmente.

Por exemplo, Jaeggli (1985), citado em Figueiredo Silva (1988), diz que, nos dativos interacionais de 1ª pessoa, o caso não é requerido para explicar as propriedades das construções em que esses clíticos aparecem. Eles estão em uma posição governada pelo verbo, mas o verbo não tem caso para atribuir a eles (Figueiredo Silva, 1988: 77). Sendo assim, os dativos interacionais não recebem papel temático do predicado; ao invés disso, eles mesmos contribuem com um papel temático, aumentando a grade temática do verbo com a adição de um papel benefactivo ou de afetado. Uma solução proposta por Figueiredo Silva (1988) é não considerar esses clíticos nominais, mas sim como outro tipo de elemento (talvez dêiticos), desobrigados de cumprir as exigências dos nominais.

Diferentemente da literatura de base gerativista, em vez de tratar o uso pragmático como idiomático ou excepcional, a Gramática Cognitiva vê tais usos como extensões de membros de uma dada categoria semântica. Dentro dessa visão, a natureza dos dados e as generalizações a serem feitas devem tratar as formas gramaticais como signos relativamente complexos, em que forma e função não podem ser tratadas separadamente, pois constituem unidades indivisíveis na estrutura linguística (Fried, 2011).

O percurso escolhido aqui foi estudar a semântica do caso dativo, partindo da Teoria dos Protótipos e os processos de categorização humana (Rosch, 1973, 1978, 1999; Langacker, 1987, 1991, 2002, 2008; Lakoff, 1987; Lakoff e Johnson, 1980; e outros) para compreender o que seria uma relação dativa prototípica e, a partir dela, pensar no dativo interacional como uma extensão semântica que mapeia a relação caracterizada pelo dativo para a esfera da interação, e ver seus usos pragmáticos como extensões da semântica de caso.

Para contribuir com o estudo da semântica do caso dativo, busquei nas formas utilizadas no latim as possibilidades de seu uso; nessa língua também há um uso não argumental do pronome dativo. Os exemplos do latim serão apresentados na seção 4.2.

Por fim, a análise aqui proposta busca reconhecer a complexidade semântica associada aos diversos usos dos pronomes clíticos ao incorporar a dimensão discurso-

dêitica na estrutura linguística. Além de, conforme será discutido no Capítulo 5, abordar as consequências do uso desse pronome na interação, sugerindo uma possível contribuição do dativo interacional no desenrolar desta.

3 METODOLOGIA E *CORPUS*

Explico neste capítulo como se deu a obtenção e a preparação dos dados. No projeto apresentado para admissão no Mestrado, uma das propostas era buscar a ocorrência do dativo interacional em dados de outros momentos históricos. Primeiramente, isso seria feito em *corpus* do século XIII ao XV, período em que é mais difícil discernir a diferença entre galego e português, e depois sua evolução até hoje.

Com o desenrolar da pesquisa, esse viés diacrônico foi alterado. Em vez de fazer uma grande análise da passagem do pronome dativo ao longo dos séculos, a proposta atual é ver a variação histórica da semântica do caso dativo como apoio ao estudo do protótipo do caso dativo. Assim, apesar de os *corpora* informatizados apresentados a seguir possibilitarem uma visão diacrônica sobre o objeto, eles não foram explorados para esse fim.

3.1 Os *corpora* informatizados

As primeiras fontes utilizadas para recolher dados para a pesquisa foram as plataformas criadas pelo ILG – Instituto da Lingua Galega. Utilizei o Tesouro Medieval Informatizado da Lingua Galega – TMILG, reunião de 82 textos escritos em romance galego antes de 1600, com acesso livre pela internet (<http://ilg.usc.es/tmilg/>).¹⁹ O TMILG possibilita uma divisão segundo a tipologia textual e segundo a distribuição temporal dos textos, indicando seus autores. Abaixo, a imagem mostra uma das telas para o resultado de busca do pronome *che*:

¹⁹ Optei por manter os nomes dos *corpora* informatizados e do instituto em seu original galego, seguindo o padrão ortográfico dessa língua.

Imagem 1 – Exemplo de busca por tipologia no TMILG

Xénero: Todos os xéneros Sen data: ☒ Tipo busca: Calquera palabra Ordenar por: Data Series: 100

Subxénero: Todos os subxéneros Desde: Asociacións: Teclado:

Obra: Todas as obras Ata: Texto: che Buscar Limpar

USC USC ILG

Listaxe % Tipoloxía textual % Formas Concordancias

TIPOLOXÍA TEXTUAL

	-XII	XIII	XIV	XV	XVI	XVII-	s/d	TOTAL
Verso	-	20	1	-	-	-	-	21
Prosa notarial	-	-	-	-	-	-	-	-
Prosa non notarial	-	16	56	6	-	-	-	78
Prosa literaria	-	-	33	-	-	-	-	33
Prosa histórica	-	16	-	-	-	-	-	16
Prosa xurídica	-	-	-	-	-	-	-	-
Prosa técnica	-	-	-	6	-	-	-	6
Prosa relixiosa	-	-	23	-	-	-	-	23
TOTAL	-	36	57	6	-	-	-	99

(Acesso em: 14 jun. 2017)

Imagem 2 – Exemplo de busca dos dados no TMILG

TMILG Nova busca | Axuda | Sair

Xénero: Todos os xéneros Sen data: ☒ Tipo busca: Calquera palabra Ordenar por: Data Series: 100

Subxénero: Todos os subxéneros Desde: Asociacións: Teclado:

Obra: Todas as obras Ata: Texto: che Buscar Limpar

USC USC ILG

Listaxe % Tipoloxía textual % Formas Concordancias

CONCORDANCIAS

Registros 1 a 91 de 91 atopados « Primeira Páxina: 1 de 1 Última »

Nº	Ano	Obra	Cap.	Autor	Texto	Lugar	Tipolox.
1	1240-1300	LP	035		mais, u mais á, multos	che	vejo sobejo: e que
2	1240-1300	LP	014		te vimos fazer cantar que	che	u queira nen -no demo dizer;
3	1240-1300	LP	013		irás un día cantar, u	che	faran todo quebrar na cabeza
4	1240-1300	LP	003		ti por non rebentares, ca	che	tapo eu [d'] aquesta minha
5	1264-1284	CSM	55		-ch' a mente se	che	fiz algun servizo, e guarda
6	1264-1284	CSM	71		viva, un rezar ordinado	che	mostrarei que faças ca ja
7	1264-1284	CSM	71		prazer ey ende, amiga, que	che	digo que enton me semella
8	1264-1284	CSM	75		ca non á ren que	che	diga que te log'
9	1264-1284	CSM	92		por meu amor e aynda	che	mais fará.
10	1264-1284	CSM	125		"Non, mais cras	che	darei onrradamente mia filla, e
11	1264-1284	CSM	125		dos ãemigos seus, diabos, que	che	fezeron comezar est' arlotia.
12	1264-1284	CSM	125		e di-ll' esto que	che	dixe, e el ben te
13	1264-1284	CSM	125		"A -	che	mester que o leixes e
14	1264-1284	CSM	185		' y al non averá,	che	mandarei a cabeza d'

(Acesso em: 14 jun. 2017)

No TMILG, encontrei 99 ocorrências desse pronome. Nele, predomina o uso do pronome dativo com função de objeto indireto, como em “*Eu che direy et mostrarey por criaturas vmanaas*” (1390). Nesse *corpus*, encontrei apenas uma ocorrência do dativo

interacional, sendo portanto o exemplo mais antigo, na *Crónica Xeral e Crónica de Castela* (1295 – 1312):

- (15) et nõ lles faças nêhũu mal, ca elles nõ **che** am y culpa nêhũa.²⁰
e não lhes faça nenhum mal, pois eles não **DAT2s** têm culpa nenhuma.
 (TMILG1, 1295-1312)

Os exemplos utilizados dos *corpora* informatizados serão apresentados com uma legenda que indica o código da obra (que pode ser conferida no Apêndice A) e o ano da publicação utilizada.

Também consultei o Tesouro Informatizado da Língua Galega – TILG, que contém a quase totalidade das obras publicadas em galego entre 1600 e 1980, além de uma boa seleção das obras produzidas entre essa data e 2013, possibilitando o acesso a um *corpus* de 25 milhões de palavras (<http://www.ti.usc.es/TILG/>). Nele, é possível consultar a distribuição temporal das ocorrências encontradas, o contexto em que o pronome ocorre e o documento de origem (conforme imagem abaixo de uma das buscas que fiz).

Imagem 3 – Exemplo de informações temporais em busca no TILG

(Acesso em: 14 jun. 2017)

²⁰ Contexto expandido: “Disse entõ o conde a el rey dom Garçia: -Rey, nõ as por que teer nêhũu destes que comigo som presos, que por m’j soo aueras quantos y som, et nõ lles faças nêhũu mal, ca elles nõ che am y culpa nêhũa.”

Imagem 4 – Exemplo de dados encontrados em busca no TILG

Lemas homónimos: **che** - PRO (33412), **che** - N (15), **che** - ITX (9)

Resultados: 25501 - 27000 de 31361

Nº	Ano	Obra	Páxina	Contexto	Ampliar
25501	1995	GRACER995	30	- Si , home , si . Vai indo que che ha estar na casa , e se non búscala	[+]
25502	1995	GRACER995	32	- Pois a madriña debe -che andar polo <1 Veigal 1> ou por alí , porque	[+]
25503	1995	GRACER995	32	- dixo <3 Xosefa 3> . - Muller , malo será ; frío non fai . A min dá -cheme a alma que en non enfriando máis , non ha chover . - Pero ... ¿ e logo , <3 Lois 3> ? ¿ Viñeches dar acó , ou ? - Si . - Pois a madriña debe -che andar polo <1 Veigal 1> ou por alí , porque ben a vin hai un pedazo polo camiño abaixo . Pero non che creo que tarde . Espera por aí se queres , que logo che ha vir . Eu sentei +me cabo do hórreo , na escaleira . - Pois volvendo ó conto do mainzo , o noso está -che ben adiantado xa - dixo <3 Victorina 3> - . Xa botamos pouco ; serán tres ferrados del ou por aí , aló no <1 Muro Novo 1> ; que do resto nada . E xa é	[+]
25504	1995	GRACER995	32	que tarde . Espera por aí se queres , que logo che ha vir .	[+]
25505	1995	GRACER995	32	- Pois volvendo ó conto do mainzo , o noso está -che ben adiantado	[+]
25506	1995	GRACER995	33	- E logo , ¿ quen che dixo que estaba aquí ? ¿ Foi <3 Hermesinda 3> ,	[+]
25507	1995	GRACER995	33	ribazo , sen ninguén que te poida ver , e que che leve moito , moito	[+]
25508	1995	GRACER995	34	- E , algún poida que quede . Pero eses saen -che dun día pra outro .	[+]
25509	1995	GRACER995	34	¿ fago -che algo de comer ? .	[+]
25510	1995	GRACER995	34	- E estará -che traballando no terreo ou por aí coas vacas no lindeiro ,	[+]
25511	1995	GRACER995	34	- Cóme- los primeiro , e despois vas . Dis -lles que che dean medio	[+]
25512	1995	GRACER995	34	Bule o que poidas antes que se che faga noite . ¿ Sába- lo camiño ? .	[+]
25513	1995	GRACER995	36	- ¿ E eu que che hei facer de comer ? ¿ Queres un ovo estrellado ? .	[+]
25514	1995	GRACER995	37	- ¿ Non che sabe ? .	[+]
25515	1995	GRACER995	37	- Eu non che traio nada , que isto na non dá pra nada . É que me	[+]
25516	1995	GRACER995	38	- Si . Comen -che o mesmo , ¿ sabes ? ¡ Oi ... ! Comían ó demo se llelo	[+]

(Acesso em: 14 jun. 2017)

Do TMILG, com quantidade de dados muito menor, pude analisar todas as ocorrências. O TILG tem mais de 33 mil ocorrências do pronome *che*, de modo que não foi possível analisá-las todas; julguei que isso não comprometeria a pesquisa, visto que uma análise quantitativa não é seu foco central.

O primeiro caso encontrado no TILG está reproduzido em (16) e data de 1703:

- (16) Do Fiscal Dios **che** me libre.
Do Fiscal, Deus **DAT2s** me livre.
(TILG4, 1703)

Ainda que esteja longe de classificar todas as ocorrências do *corpus*, percebe-se um aumento considerável na proporção de ocorrências de *che* utilizado como pronome interacional a partir do século XIX, período em que aumenta o registro escrito do galego. Esse aumento pode estar relacionado ao início da recuperação da língua oral, com gêneros que buscavam reproduzir uma linguagem que se aproximava da oralidade. Outro fator pode ser a exclusividade do galego no uso do dativo interacional, que seria então um recurso para um texto parecer “mais galego”, afastando-se do castelhano.

A limitação do *corpus* escrito pode ser exemplificada por uma obra encontrada no TILG, *Proezas de Galicia*, de 1810, no qual temos o seguinte trecho:

*“Has de saber que carta feira da primeira semana de Frebeiro chegaron**che** a este lugar vinte e catro ¿que eu inda dudo aora si eran homes? porque **che** traían na cabeza por sombreiros unhas daquelas que son coma as bacías d'afeitar que teñen os barbeiros das vilas de latón, e logo nin **che** sei si era cola de besta, ou rabo de boi o que traían colgando nelas, porque así como **chos** vin escape**iche** para o monte.”*

Durante toda a obra, o narrador usa o dativo interacional para contar uma história ao seu interlocutor. O livro *Proezas de Galicia* trata do relato de um camponês sobre as invasões napoleônicas na Espanha; escrito durante o *Rexurdimento*, período de revalorização do galego como língua nacional, busca claramente aproximar as falas do que seria o galego popular, bem como enfatizar os aspectos orais e adotar as formas próprias do galego em oposição às formas do castelhano. De certo modo, pode cair em uma espécie de caricaturização do que seria a fala informal do povo, com excessos que fogem à realidade linguística.

O pronome dativo interacional, como o nome já diz, é um artefato da interação entre falantes, e o contexto é um grande aliado na interpretação semântico-pragmática desse pronome. Por conta disso, outras formas de registro além da conversação espontânea não são as ideais, e trabalhar com dados do registro escrito tem suas limitações, pois, a partir deles, não é possível recuperar as situações de uso.

3.2 Pesquisa com falantes

Para contornar possíveis distorções, colaboradores²¹ também foram consultados para que eu pudesse verificar a interpretação que eles fazem dos pronomes estudados, e qual a variação semântica relacionada ao uso ou não uso desses pronomes. Enviei a eles dados encontrados nos *corpora*, perguntando a que se referia o pronome em destaque (se a um dos argumentos do verbo ou se a um dos interlocutores da interação) e a diferença semântica entre usar ou não os pronomes interacionais;

²¹ Foram nove colegas, entre 25 e 39 anos de idade, falantes nativos, todos com nível superior e que moram há muitos anos em grandes centros urbanos da Galiza.

aproveitei para tirar dúvidas acerca de alguns dados cuja interpretação não estava clara para mim.

Alguns dados também foram coletados durante o período em que estive na Galiza em julho-agosto de 2015. Parte deles veio de gravações (que fiz com o próprio celular), mas a maior parte veio de interações espontâneas, tanto de conversas informais com amigos, interações com desconhecidos ou de conversas paralelas. No caso desses dados espontâneos, sempre confirmei posteriormente com os colegas falantes de galego as interpretações que faziam deles.

A partir das informações que reuni das consultas aos informantes, preparei um experimento *on-line* sobre as interpretações que falantes nativos fazem sobre os pronomes dativos, aplicado através da plataforma “Online Pesquisa” (www.onlinepesquisa.com), confrontando diferentes contextos de uso e co-ocorrência de pronomes. Busquei explorar exemplos com interpretação menos categórica, ou seja, em que nem sempre há uma classificação precisa sobre o tipo de uso do dativo em questão. Os principais pontos investigados foram: a ambiguidade entre o dativo interacional e o de posse; o dativo de interesse de 2ª pessoa; os dativos interacionais no plural; a ambiguidade entre o pronome benefactivo e o dativo interacional; o uso do dativo de solidariedade em orações imperativas; a expressão de uma opinião do falante. Essa pesquisa pode ser consultada no Apêndice B da dissertação.

Tendo em vista que o pronome estudado é um fenômeno atribuído principalmente à interação face a face, todos os dados do galego foram retirados ou dos *corpora* informatizados ou de registros de fala que presenciei. Com o fim de criar contrastes para verificar possibilidades de uso e interpretação, foram manuseados exemplos retirados desses dados. Por exemplo, (17) foi retirado do TILG (e será explorado no Capítulo 4):

(17) Dixéronme que **che** morreu o can de don Carlos Limonié.

(17') Dixéron**che**me que morreu o can de don Carlos Limonié.

(17'') Morreu**che** o can de don Carlos Limonié.

Para verificar se a posição do pronome, se o verbo a que está ligado, ou o fato de estar em uma sentença encaixada influenciam na sua interpretação, criei a partir deste exemplo as variações (17') e (17''). Minha intenção foi evitar exemplos criados por mim.

4 A SEMÂNTICA DO CASO DATIVO

Em línguas indo-europeias, o dativo pode ser identificado como o caso usado para designar o referente que recebe a ação em sentenças com o sentido de transferência – o que não significa que em qualquer língua o caso do receptor será o dativo (Wierzbicka, 1988: 391). Tradicionalmente, o constituinte que tem a função de objeto indireto é tomado como o melhor exemplar (a forma prototípica) do dativo.

Um conceito de objeto indireto pode ser exemplificado como *João/lhe* em “*Maria deu um livro para João / Maria lhe deu um livro*”.²² Entretanto, existem outras formas que são semelhantes ao objeto indireto mas que não são idênticas a ele. São casos como “*Maria construiu uma casa para João” / “*Maria lhe construiu uma casa*”, ou “*Maria fez um favor para João” / “*Maria lhe fez um favor*”. A questão é: onde está a linha da fronteira entre um uso e outro?**

A fim de entender o que caracteriza um argumento dativo, ou seja, de estabelecer quais são suas características necessárias, mostrarei a seguir alguns estudos sobre a semântica do caso dativo, discutindo o que seria o membro prototípico dessa categoria, quais são – e como se dão – suas possíveis extensões semânticas, e sua relação com o dativo interacional. Na seção 4.1, apresento uma discussão sobre a Teoria dos Protótipos e a categoria de caso. Na 4.2, apresento o protótipo proposto na literatura para o caso dativo. Em 4.3, são discutidas as extensões semânticas do caso dativo e os processos nelas envolvidos, para, na seção seguinte, 4.4, apresentar o dativo interacional e seus diferentes usos. Na seção 4.5, faço uma síntese dos usos do dativo apresentados ao longo deste capítulo.

4.1 Categoria de caso e protótipo

Baseei-me na abordagem de autores que, mais do que ver o caso como um traço morfossintático, veem-no como um conjunto de significados comuns (Fried, 2011; Jakobson, 1936; Janda, 1988, 1993; Langacker, 1987, 1991, 2008; entre outros), sendo

²² *João* e *lhe* não são exatamente equivalentes, mas ambos compartilham a função de objeto que recebe indiretamente a ação.

os marcadores de caso elementos que especificam a natureza do envolvimento que um referente tem com o evento narrado (Langacker, 1991: 384). Nessa visão, cada caso tem seu próprio sistema de significados, formando uma categoria composta por membros mais básicos e centrais, enquanto outros membros são mais periféricos. A mente humana estrutura o mundo por meio de categorias, e a linguagem reflete isso. Antes, vejamos o que é uma categoria.

Uma categoria é um conjunto de elementos considerados semelhantes devido a alguma característica comum: as informações recebidas do mundo por meio de nossos sentidos são organizadas de acordo com as características que compartilham. Os conceitos, os objetos, as coisas no mundo são categorizadas com base no que elas têm em comum, e no centro de uma dada categoria está o seu membro mais prototípico. Os outros membros estão posicionados na categoria de acordo com sua relação com o protótipo, o que pode variar entre muito próximo ou periférico.²³ Desse modo, o pensamento é organizado em categorias cognitivas que têm uma estrutura de rede (Lakoff, 1987).

Segundo Rosch (1978), a categorização humana não é o produto arbitrário de um acidente histórico; ela está baseada no resultado de dois princípios psicológicos de categorização: i) o princípio da economia cognitiva, que diz respeito a prover o máximo de informação com o menor esforço cognitivo – é vantajoso para o organismo não diferenciar um estímulo de outros quando essa diferenciação é irrelevante para o propósito corrente; e ii) o princípio da estrutura do mundo percebido: o mundo percebido chega até nós como informação estruturada, e não como atributos arbitrários ou imprevisíveis. A estrutura linguística faz uso desse aparato cognitivo. O pensamento em geral, portanto também a linguagem, é organizado em categorias – e essas categorias se organizam em relação aos seus protótipos, como veremos a seguir. Nessa visão, categorizamos o mundo de acordo com a experiência de perceber/vivenciar mudanças e resultados que integram a vida humana. E projetamos nossa percepção de mundo na língua que falamos.

O processo pelo qual a mente humana categoriza o mundo está essencialmente baseado na experiência e na imaginação – os tipos de sons (por exemplo, sabemos a

²³ Janda (1993: 52) ilustra isso com a imagem da Via Láctea, em que a rede cognitiva de uma categoria apresentaria áreas centrais de alta densidade, com os significados principais densamente agrupados, bem como áreas mais esparsas com membros ocasionais e transicionais entre uma categoria e outra.

diferença entre choro, risada, uma fala amorosa ou severa), os cheiros (de comida, flores, coisa podre), as formas e as cores, os tipos de movimento (uma dança tem características diferentes de uma caminhada), e assim por diante. Ou seja, está por um lado baseada na percepção do mundo, nas atividades motoras e nas práticas culturais, e por outro se estende por relações de metáfora e metonímia (processos que veremos mais adiante).

Claramente, os elementos de uma categoria não possuem todos as mesmas características. Movimentos de balé são distintos dos movimentos do flamenco; não obstante, ambos são considerados movimentos de dança (e não de luta, por exemplo), pois possuem características comuns que lhes permitem pertencer à mesma categoria. Há elementos que compartilham mais e outros que compartilham menos desses traços comuns, o que muitas vezes pode dificultar definir se um elemento pertence ou não a uma categoria. A cor salmão, por exemplo, pode ser considerada um tom de rosa por alguns, e um tom de laranja por outros.

Várias informações serão usadas por qualquer um de nós para definir a que categoria pertencem os elementos, entre elas, o seu uso. Por exemplo, a categoria ‘fruta’ tem uma série de definições científicas nas quais se inclui o tomate e se exclui o morango; entretanto, podemos pensar que, na cultura brasileira, morango é considerado fruta, e tomate, não; enquanto a classificação científica se baseia em aspectos biológicos (características gerais e mais abstratas), a classificação popular se baseia na prática de uso que se faz desses alimentos. Aliás, se um botânico escolhesse levar uma fruta para comer no trabalho, por exemplo, dificilmente ele levaria um tomate.

As categorias formadas pela cognição humana não são homogêneas: podemos identificar nelas o que chamamos de protótipos. Nas línguas naturais, alguns membros de uma dada categoria são claramente tidos como melhores exemplares dessa categoria do que outros. O trabalho de Rosch (1973, 1978, 1999) sobre categorização humana, contrário ao princípio da lógica de que o pertencimento a uma categoria seria uma questão de “tudo ou nada”, demonstrou que as fronteiras de uma categoria não são necessariamente definidas. A estrutura de uma categoria semântica é determinada pela natureza de relações entre os vários membros da categoria e a denotação do protótipo – que pode ser definido como o membro que mais bem representa uma categoria.

Mas uma grande proporção das nossas categorias não são categorias de *coisas*, são categorias de entidades abstratas. Categorizamos eventos, ações, emoções, relações espaciais, relações sociais e uma grande variedade de entidades abstratas: governos, doenças e entidades científicas e folclóricas, como elétrons e resfriados. (Lakoff, 1987: 6. Tradução minha)²⁴

Para ilustrar como extensões se dão na linguagem, vejamos os exemplos em (18) e (19), em que ambas as orações são bitransitivas.²⁵ Esse tipo de oração tem como sentido mais básico, mais prototípico, a relação entre um agente, um afetado e um beneficiário, e são construções que comportam uma relação de transferencialidade (Leite, 2006: 32), como em (18):

(18) João enviou um livro para Pedro.

(19) João derrubou o livro no chão.

Seguindo a definição dada por Givón (1984) (citado por Kemmer (1994)) para eventos com dois participantes, que ele chama de um evento verbal “prototipicamente transitivo”, é “um evento definido como um evento verbal em que uma entidade humana (um Agente) age volitivamente sobre uma entidade inanimada (um Paciente) que é diretamente e completamente afetado por tal evento” (Kemmer, 1994: 191).²⁶ Relativamente a (18), (19) apresenta uma relação diferente entre suas partes; o sujeito da sentença pode trazer características de causador e não necessariamente de agente, pois João em (19) pode ter natureza volitiva ou não. No caso de (18), que representa um processo transferencial, o caráter volitivo do sujeito é mais definido, pois, diferente de derrubar algo, ninguém envia algo a alguém involuntariamente. Sendo assim, (18) é um exemplo mais prototípico de oração transitiva porque é mais agentiva do que (19).

É importante salientar que um protótipo é uma espécie de ficção; o que está realmente em jogo são julgamentos de grau de prototipicalidade (Rosch, 1978; Lakoff, 1987). A prototipicalidade contribui como um conjunto de restrições, direcionando, mas não limitando, o processamento cognitivo.

²⁴ No original: “But a large proportion of our categories are not categories of things; they are categories of abstract entities. We categorize events, actions, emotions, spatial, social relationships, and abstract entities of an enormous range: governments, illnesses, and entities in both scientific and folk theories, like electrons and colds.”

²⁵ O termo *bitransitivo* está sendo usado aqui como foi por Goldberg, citada por Leite (2006), para estruturas do tipo “X causa Y receber Z”. Os exemplos (18) e (19) são adaptados de Leite (2006).

²⁶ No original: “A prototypical two-participant event is defined as a verbal event in which a human entity (an Agent) acts volitionally on an inanimate definite entity (a Patient) which is directly and completely affected by that event.”

Como já citei acima, a rede semântica básica de uma categoria de caso consiste do seu protótipo e as variantes desse protótipo (Janda, 1993: 6). Há uma gradiência de centralidade que surge através da interação entre os membros da categoria; nessa gradiência, o exemplo central não é o único responsável por gerar produtivamente todas as extensões; outros membros podem ser já extensões de outros menos prototípicos (Lakoff, 1987: 57), e os membros mais afastados do protótipo podem ser transicionais, ou seja, podem transitar entre categorias diferentes (como o exemplo da cor salmão citado anteriormente).

Ademais, os casos, cada um com seu próprio sistema de significação, são polissêmicos. Conforme dito por Jakobson (1936 [1984]: 62), o caso carrega um conceito abstrato, do qual aplicações concretas podem ser derivadas. Se pensarmos que cada caso constitui uma categoria, com membros mais ou menos próximos de um protótipo, com variações diversas em relação a ele, a polissemia surge do fato de haver relações sistemáticas entre esses membros, ou seja, entre as diferentes extensões do caso.

A Figura 1, abaixo, apresenta os elementos que serão usados na composição dos esquemas que representam a conceitualização dos eventos nos diferentes usos do dativo nas próximas seções. Indicarei quando um elemento tiver uma interpretação diferente da apresentada aqui.

Figura 1 – Elementos que compõem os esquemas

Nas seções seguintes, apresento as relações prototípicas do caso dativo e algumas de suas extensões, consciente de que elas não foram esgotadas neste trabalho. A proposta desta pesquisa não foi fazer uma tipologia de *todas* as possibilidades de uso do pronome dativo. O que será apresentado a seguir é o pano de fundo para a discussão do uso do pronome dativo galego.

4.2 Um protótipo para o caso dativo

A partir da ideia de que o caso codifica o envolvimento que um referente tem com o processo ou ação narrados, um dos passos seguidos na pesquisa foi buscar a relação que um referente marcado com o caso dativo tem em uma cadeia de ação. Uma cadeia de ação básica pode ser representada pelo verbo transitivo (Langacker, 1987, 2008), em que uma fonte de energia (codificada por um item linguístico que se chamará *trajetor* ou *tr*) – também chamada *cabeça da cadeia de ação* – age sobre um tema (codificado por um item linguístico chamado *marco* ou *lm*, do inglês *landmark*) – também chamado *cauda da cadeia de ação* –, como na Figura 2:

Figura 2 – Cadeia de ação básica

Adaptado de Langacker (2008)

A figura oval representa o cenário (*setting*) em que ocorre a ação; cada círculo é um dos participantes da ação – um trajetor e um marco, no caso; a flecha com linha dupla representa a energia que um participante aplica sobre o outro. A Figura 2 poderia representar uma sentença como “João chutou a bola”, sendo *João* o trajetor, aplicando uma energia (*chutar*) sobre o marco *a bola*.

Todo evento denotado pelo verbo é estruturado por uma cadeia de ação. O que os marcadores de caso fazem é focalizar partes específicas da cadeia de ação, de acordo com as funções que esses constituintes desempenham. Em uma cadeia de ação mais prototípica em uma língua como o galego, a ‘cabeça’ (participante mais à esquerda) é o referente marcado com o nominativo, e a ‘cauda’ (à direita na cadeia de ação) é o referente marcado com o acusativo.

Como vemos, em uma cadeia de ação básica não há uma representação do dativo; na definição de Jakobson, “o dativo denota a existência de um referente como independente da ação, enquanto o acusativo é silencioso em relação a isso e pode se referir tanto a um objeto interno como um externo” (1936 [1984]: 84, tradução minha).²⁷ Por conta disso, e por outras questões que não abordarei aqui, o caso dativo é considerado mais periférico quando comparado com o nominativo e o acusativo.²⁸

O sentido central do dativo, seu protótipo, está na construção do objeto indireto, e a ocorrência do objeto indireto prototípico se dá com o verbo *dar* (Jakobson, 1936; Janda, 1993; Wierzbicka, 1986, 1988; Berlinck, 1996), em uma relação de transferência material – em que uma fonte de energia causa a um referente de um nominal estar no domínio de acesso do referente de outro nominal (Langacker, 2008). Van Hoeske (1996) e Bassetto (2010) apontam inclusive que o próprio nome ‘dativo’ traz em sua etimologia a noção de *dar*: o *dativus casus* ou *casus dandi* (do lat. *dare*) indica “a pessoa ou coisa a que se destina uma ação ou em cujo proveito ou prejuízo se realiza”, o destino final da ação verbal; em latim, é o caso da “atribuição, da participação e do interesse” (Stolz e

²⁷ No original: “The Dative denotes the **existence of its referent as independent of the action**, while Accusative is silent in this regard and can refer equally well to an inner or outer object” (Grifo do autor).

²⁸ Uma breve passagem de Jakobson (1936 [1984]: 78) sobre o tema (grifos do autor): “A **peripheral case** indicates that its referent occupies a **peripheral status** in the overall semantic content of the utterance, while a **full case** indicate nothing about this status. A periphery presupposes a center; a peripheral case presupposes the **presence of a central point in the content of the utterance**, which the peripheral helps determine.”

Schmalz, citados por Bassetto, 2010: 366). Alguns verbos com a ideia de transferência material são *devolver*, *entregar*, *enviar*, *transferir*.

(20) João enviou a encomenda para Pedro.

(21) João devolveu o livro para o Pedro.

Langacker (1987, 2008) propõe um esquema para representar a semântica de verbos de transferência, que adaptei aqui na Figura 3 inserindo os casos atribuídos a cada participante:

Figura 3 – Verbos de transferência

A relação básica aqui é de uma fonte de energia (marcada por um nominativo, NOM) atuando sobre um objeto (marcado por um acusativo, ACC) para que este passe para o campo de acesso de um marco (marcado por um dativo, DAT). As figuras ovais representam os campos de acesso dos referentes nominativo (à esq.) e dativo (à dir.). Na Figura 3, o nominativo aplica uma energia sobre o acusativo, que passa para o campo de acesso do dativo.

Na Figura 4, esquema proposto por Janda (1993), o referente nominativo é a cabeça da cadeia de ação e é responsável pelo movimento do referente acusativo; o referente dativo tanto recebe a entidade acusativa como mostra potencial para executar uma ação posterior a ele (potencial indicado na Figura 4 pela seta pontilhada).

Figura 4 – Esquema de Janda para o caso dativo

Alguns autores (Jakobson, 1936; Smith, 1985; Langacker, 1987) falam do papel potencial do dativo como agente de uma ação posterior, em um “envolvimento bilateral”: está envolvido tanto como afetado pela ação como com a ação potencial que pode vir a exercer; verbos que envolvem o dativo implicam que a entidade dativa é o agente de uma ação futura. Esse seria o elemento que o distingue de outros casos, e as variações desse papel potencial contribuem para a análise de toda a rede de significados do dativo. Por exemplo, em *‘Pedro deu a tesoura para Maria’*, a tesoura passa para o campo de acesso de Maria, e Maria, além de receber a tesoura, pode usá-la como instrumento de uma ação futura (pode guardá-la, cortar algo, etc.). Da mesma forma que, em um exemplo de referente dativo menos prototípico, *‘Pedro abriu a porta para Maria’*, Maria tanto é beneficiária da ação de Pedro como pode ser agente da ação seguinte de passar (ou recusar-se a passar) pela porta.

Alguns exemplos do dativo latino ajudam a ilustrar esse potencial de agentividade. No latim, o dativo, assim como o acusativo, indica que o seu referente está afetado pela ação denotada pelo verbo. Ambos são casos direcionais, ou seja, que mostram o sentido da energia na cadeia de ação (Jakobson, 1936; Janda, 1988).²⁹ No latim tardio, a função de objeto indireto podia ser expressa pelo dativo ou pelo acusativo precedido da preposição *ad* (Grandgent, 1907; Van Hoecke, 1996; Bassetto, 2010). Tendo se generalizado nas línguas românicas posteriormente, a construção preposicionada *ad* + acusativo já era muito utilizada com alguns verbos, como *scribere* (escrever). Vejamos dois exemplos dados por Van Hoecke (1996):³⁰

²⁹ O dativo em geral marca o que não é o objeto direto. O objeto direto, geralmente marcado pelo acusativo, é então mais central no esquema de ação.

³⁰ Todos os exemplos do latim foram retirados de Van Hoecke (1996).

- (22) Scribit **Labieno** veniat.
 Escreveu **Labienus-DAT** viesse.
*Ele escreveu para **Labieno** para que viesse.*
- (23) Scribes **ad me.** (em vez de “Scribes **mihi**”, com o pronome dativo)
 Escreverás **para mim-ACC.**
*Você **me** escreverá./Escreverás **para mim**.*

Em (22), Labieno tem um futuro papel de agente, é o sujeito potencial do verbo *vir*. Em (23), não há indícios de que o referente que receberá a carta realizará uma ação posterior, e nesse caso usa-se já a forma do acusativo com a preposição.³¹

Outra característica do dativo que já se nota no latim é que ele aparece em construções com significados aparentemente muito diferentes, estando longe de ser um caso homogêneo. Contudo, ao examinar esses diferentes significados, podemos encontrar um denominador comum entre eles, que Van Hoescke (1996) chamou de “polo de orientação”; na opinião dela, o dativo indica que a predicação, ou algum de seus elementos constitutivos, está direcionada ao referente dativo.

- (24) Caesar regnum **Cleopatrae** dedit.
 César-NOM reino-ACC **Cleópatra-DAT** deu.
*César deu o reino **para Cleópatra**.*

Em (24), o elemento dativo é o beneficiado, é o destino da ação de dar. Mas o dativo também pode ser usado em um sentido oposto; em vez de mostrar o destino da ação, indica a origem desta, como em (25):

- (25) Caesar scutum **militi** detraxit.
 César-NOM escudo-ACC **soldado-DAT** tomou.
*César tomou o escudo **do soldado**.*

Nos dois exemplos, a construção pressupõe a transferência do referente acusativo (objeto direto): o referente acusativo passa do domínio de acesso do sujeito para o domínio do objeto indireto dativo em (24), e do domínio do referente dativo para o do sujeito (NOM) em (25). Em ambos os casos, há um deslocamento do nominal acusativo com o nominal dativo indicando a direção, seja como destino ou como origem

³¹ O potencial de agentividade do dativo não foi amplamente explorado nesta pesquisa, e sei que é preciso buscar mais dados, mas já deixo aqui uma questão que pode ser interessante para entender por que a forma dativa do pronome, e não outra, é usada com função interacional.

na cadeia de ação. (25) é um exemplo de extensão via antonímia, como veremos na próxima seção.³²

Também são possíveis construções em que o dativo indica a pessoa afetada pela ação. Nos exemplos (26) e (27), o dativo indica o referente ao qual a ação expressa é orientada (seja em seu benefício ou em seu detrimento).

- (26) Fortuna favet **fortibus.**
Fortuna-NOM favorece **bravos-DAT.**

A fortuna favorece aos bravos.

- (27) Lupus est homo **homini.**
Lobo-NOM é homem-NOM **homem-DAT.**

O homem é o lobo do homem. (para o homem)

A forma prototípica do objeto indireto pode representar uma parcela pequena da rede semântica do dativo em termos quantitativos. Mas, como sugerem Mervis e Rosch (1981: 104), as categorias são processadas holisticamente, ou seja, quando é feita uma referência a qualquer membro de uma categoria, essa referência é feita também para a categoria como um todo. Então, ao fazer uso do pronome dativo para fazer referência a um argumento não requerido pelo verbo, toda uma relação dativa é acionada.

Os exemplos de (28) a (31) trazem construções prototípicas; (28) é um exemplo do tcheco retirado de Janda (1993), assim como outros exemplos apresentados dessa língua que aparecem nesta seção; (29) e (30) são dados do português, e (31) traz um exemplo do galego retirado do *corpus* informatizado.

- (28) Ludmila **mu** dala kytku.
Ludmila-NOM **DAT3s** deu flor-ACC.
Ludmila lhe deu a flor.

- (29) João deu o livro **ao Pedro.**

- (30) João **lhe** deu o livro.

- (31) Déronche a ti canto tiñan.
Deram-**DAT2s** a você quanto tinham.
Deram para você tudo o que tinham.
(Adaptado de Álvarez, 1997)

³² Exemplos como o de (25) serão vistos na seção 4.3, representados pelo esquema da Figura 7, proposto por Langacker.

As figuras 3 e 4, nas páginas 47 e 48, podem ilustrar transferência material (como nos verbos *dar* ou *levar*), mas também transferência de um modo mais abstrato, como verbal e perceptual (*dizer, comunicar*), ou mesmo a ideia de movimento abstrato (*submeter, atribuir*).

Cabe aqui observar no protótipo o seu caráter universal, já que todas as línguas comportam essa relação de transferencialidade. Os exemplos de diferentes receptores em uma relação de transferência são, de diferentes formas, exemplos de extensões do significado prototípico do caso dativo. A seguir, veremos como se dão essas extensões.

4.3 Extensões semânticas do caso dativo

Como dito anteriormente, existem outras formas dativas semelhantes ao protótipo. Algumas, ainda que sejam muito próximas do protótipo (como “*João construiu uma casa para Maria*”), já podem ser consideradas como suas extensões.

Conforme citado na seção 4.1, o processo de categorização humana se baseia, entre outras coisas, em extensões do protótipo, que podem se dar, entre outros, por relações de metáfora e metonímia. A metáfora é comumente definida como o emprego de palavras ou expressões convencionalmente identificadas com um dado domínio de conhecimento para verbalizar experiências conceituais de outro domínio. Envolve a justaposição de dois domínios conceituais distintos; um deles, o *domínio fonte*, fornece termos para a verbalização do outro, o *domínio alvo* (Azeredo, 2008; Evans e Green, 2006). Lakoff e Johnson (1980) propõem que a metáfora não é só um traço estilístico da língua, ela reflete correspondências profundas no modo como nosso sistema conceitual está organizado, ou seja, a língua é metafórica em sua essência. Ao proporem a Teoria da Metáfora Conceitual, os autores argumentam que a metáfora participa da estruturação da cognição humana: “a metáfora está avassaladoramente presente na linguagem cotidiana, seguramente porque o raciocínio se constrói também pela projeção de analogias entre domínios da experiência” (Azeredo, 2008: 420). Por exemplo, falamos coisas como “*O fim de semana está chegando*”, ou “*O feriado não está muito longe*”, adotando noções espaciais para fazer referência ao tempo. Inclusive, como apontado por

Evans e Green (2006: 290), é muito difícil encontrar formas de descrever conceitos temporais sem recorrer a expressões relacionadas a espaço ou movimento.

A Figura 5 representa o processo envolvido na metáfora, quando uma coisa é estruturada em termos de outra, com o mapeamento entre um domínio fonte e um domínio alvo (Lakoff e Johnson, 1980; Langacker, 2008),³³ num processo em que traços de um domínio conceitual (normalmente mais diretamente ligado à experiência corpórea)³⁴ são projetados em outro domínio.

Figura 5 – Mapeamento de um domínio para outro

Quando um alvo é estruturado em termos de uma fonte particular, ele destaca certos aspectos do domínio fonte enquanto simultaneamente esconde outros. Por exemplo, ao falar dos anéis de Saturno, é feita uma referência a certas características do objeto *anel* (circunferência vazada ao redor de algo), abstraindo-se as características que não se aplicam (tamanho, envolver dedos, etc.). ‘Anéis de Saturno’ é uma extensão metafórica do protótipo, cujo mapeamento pode ser exemplificado na Figura 6 abaixo:

Figura 6 – Exemplo de mapeamento: metáfora “Anéis de Saturno”

³³ Um domínio pode ser interpretado em linhas gerais como o indicador de qualquer tipo de concepção, ou de um campo da experiência.

³⁴ Geralmente, os conceitos do domínio fonte se relacionam à experiência sensório-perceptual, à experiência concreta, enquanto os conceitos do domínio alvo estão ligados às respostas subjetivas à experiência sensório-perceptual, mais abstratas (Evans e Green, 2006).

Da mesma forma, um uso metafórico do caso dativo irá mapear alguns conceitos mas não outros. Numa sentença como “*Eles deram uma grande festa para os convidados*”, o referente dativo mapeia o conceito de “afetado indiretamente pela ação”; *para os convidados* é o referente beneficiado pela ação de dar a festa, mas não é mapeado, por exemplo, o conceito de transferência material.

Assim como a metáfora, a metonímia é um fenômeno conceitual presente na estruturação da língua, mas, enquanto a metáfora requer a associação de dois domínios inteiros distintos, a metonímia opera com a associação entre elementos do mesmo domínio. Por operar com conceitos que coexistem no mesmo domínio, a metonímia se dá por relações de contiguidade, apontando uma relação direta ou próxima entre duas entidades (Evans e Green, 2006).

[A metonímia] consiste na transferência de um termo para o âmbito de um significado que não é o seu, processado por uma relação cuja lógica se dá, não na semelhança, mas na contiguidade das ideias. Diferentemente da metáfora, na metonímia a associação semântica se realiza pela supressão de termos sintáticos; logo sua articulação se dá no eixo sintagmático. Sua atuação ocorre em apenas um domínio conceitual, pois os termos que se relacionam pertencem ao mesmo campo sêmico, de maneira que um substitui o outro. A relação metonímica pode indicar interdependência, inclusão, implicação etc. (Azeredo, 2008: 485)

Para Langacker (citado por Evans e Green, 2006: 315), “a entidade que é normalmente designada por uma expressão metonímica serve como um ponto de referência que dá suporte ao acesso mental ao alvo desejado (ou seja, a entidade a que se refere)”.

Metáfora e metonímia estão, assim, na base de quase toda a linguagem. Enquanto a metonímia dá acesso a outras entidades dentro do mesmo domínio, a metáfora mapeia elementos de diferentes domínios. A seguir, veremos como ocorrem algumas das extensões semânticas do protótipo dativo: respectivamente, por relações de sinonímia, antonímia e metonímia.³⁵ O tipo de metáfora envolvido no dativo interacional será visto mais adiante, na seção 4.4.

³⁵ É importante esclarecer aqui que, ao falar das extensões semânticas, estou apresentando como elas são conceitualizadas e como se relacionam com o protótipo. Desse modo, não me prendo à terminologia adotada por outras teorias (dativo de afetação, beneficiário, etc.), ainda que, muitas vezes, tratem do mesmo fenômeno.

SINONÍMIA

Uma extensão do objeto indireto via sinonímia ocorre a partir de verbos que indicam transferência, por exemplo *enviar*, reproduzindo características do protótipo do caso dativo em construções com outros verbos que, no entanto, não requerem um beneficiário em sua estrutura prototípica – como os exemplos abaixo com verbos correlatos a *construir* e *comprar* do português. Um objeto indireto prototípico seria aquele requerido pela estrutura do verbo, o que não se verifica nos exemplos de (32) a (34): ainda que os pronomes se comportem como um objeto indireto, numa relação de transferência, já não podemos tomá-los como o melhor exemplar (protótipo) da relação dativa. Enquanto os exemplos de (28)-(31) apresentam um objeto indireto canônico, em (32)-(34), abaixo, há uma relação diferente de transferência. Primeiramente, porque a noção de *comprar* não exige a existência de alguém *para quem* se compra, apenas de *quem* compra e *o que* é comprado – diferentemente do verbo *dar*. Em segundo lugar, o objeto que passa para o domínio de acesso do referente dativo não necessariamente parte do domínio de acesso do sujeito; é mais plausível pensar que um objeto foi transferido de um domínio de acesso a outro devido à ação de comprar de um agente.

- (32) Ludmila **mu** koupila klobouk. (tcheco)
 Ludmila-NOM **DAT3s** comprou chapéu-ACC.

*Ludmila **lhe** comprou um chapéu.*

- (33) Xa **che** merquei a “Enciclopedia”, unha cartilla i unha guía.
 Já **DAT2s** comprei a “Enciclopédia”, uma cartilha e um guia.

*Já **te** comprei/comprei **para você** a “Enciclopédia”, uma cartilha e um guia.*
 (TILG5, 1955)

- (34) Divértete, meu neno, divértete, que **ch'hei** de mercar unha nécora.³⁶
 Divirta-se, meu garoto, divirta-se que **DAT2s-hei** de comprar uma boneca.

*Divirta-se, meu garoto, divirta-se que vou **te** comprar uma boneca.*
 (TILG6, 1901)

Considere os exemplos de (35) a (41), que apresentam uma tendência na qual o significado de objeto indireto e a noção de transferência gradualmente abrem espaço para uma leitura benefactiva, e o referente dativo está cada vez menos propenso a ser

³⁶ A tradução mais comum para ‘nécoras’ é caranguejo. No entanto, conforme informado por Rosario Álvarez, via correio eletrônico, no TILG há 14 registros lematizados como ‘nécora’ (boneca), entre 1891 e 1988, de seis autores diferentes, dentre os quais cinco de Ourense. O exemplo (34) é de Lalín, que faz parte dessa região. Portanto, aqui a tradução adequada, ainda que menos frequente, é *boneca*.

Os dados de (37) a (41) são exemplos transicionais que mostram os laços que existem entre o objeto indireto e um grupo de verbos que regem o dativo e que expressam comunicação (Janda, 1993: 48) e veremos mais adiante: os dativos regidos.

ANTONÍMIA

Nos exemplos que acabamos de ver, há uma extensão a partir do sentido de *dar* que invocam a presença de um beneficiário. Quando o caminho percorrido pelo objeto indireto vai no sentido oposto ao do protótipo do verbo de transferência, temos uma extensão via antonímia (Janda, 1993: 21), em que verbos com o sentido de *tomar* podem atribuir o sentido de dano, em vez de benefício. Ao se tomar algo de alguém, deve-se assumir que o objeto estava na posse do referente dativo; são verbos como *tirar* e *roubar*. Veja em (42) e (43) exemplos de transferência no sentido oposto, de extensão via antonímia.

- (42) Pero ese descanso (...) **sácache** as ganas de volver á estrada.³⁸
 Mas esse descanso (...) tira-**DAT2s** a vontade de voltar à estrada.
Mas esse descanso (...) te tira/tira-lhe a vontade de voltar à estrada
 (TILG11, 2000)

- (43) Cría corvos que **che** sacarán os ollos.
 Cria corvos que **DAT2s** tirarão os olhos.
Crie corvos que te arrancarão os olhos.
 (TILG12, 1985)

Na Figura 7, adaptei o proposto por Langacker (2008) para representar esse tipo de transferência – em contraste com o dos verbos de transferência apresentado na Figura 3.

Figura 7 – Transferência no sentido oposto: antonímia

³⁸ Contexto expandido: “*Pero ese descanso, lonxe de traerche novas forzas, e en lugar de permitirche recuperá-los folgos perdidos, sácache as ganas de volver á estrada, que xa non son moitas.*” Nesse exemplo, também é possível uma interpretação de dativo de posse; ainda assim, mostra a origem do referente acusativo.

METONÍMIA

Em contrapartida, a extensão via metonímia ocorre com verbos que remetem à transferência de sinais, de valores, benefício e dano (*comunicar, pagar, ajudar, cobrar...*). Nesse tipo de extensão, o objeto direto pode ser subsumido na semântica do verbo e, portanto, não é expresso abertamente como um acusativo (Janda, 1993: 64).

Há um grupo de verbos que requerem o argumento dativo – mas sem seguir o padrão de objeto indireto prototípico – que Janda (1993) chamará *dativo regido*: eles ocorrem quando um referente nominativo age diretamente sobre o referente dativo, sem a necessidade de um acusativo, conforme representação no esquema da Figura 8. São verbos como *corresponder(-se), interferir, competir, desafiar*.

Figura 8 – Esquema de Janda para o dativo regido, exemplo de metonímia

Os dois participantes diferem apenas no fato de o nominativo ser um agente real, enquanto o dativo apenas retém um *status* independente. Essas relações transitivas podem se dar por diferentes meios: subordinação, dominação ou regência por preposições.

Conforme dito por Janda (1993), relações de subordinação descrevem uma situação em que a entidade nominativa se posiciona numa situação controlada pela entidade dativa. Essas situações são codificadas por meio de verbos como *servir* (no sentido de ser servo de alguém, servir a alguém), *entregar-se, devotar, reverenciar, submeter-se, pertencer, sucumbir, crer, compreender* (os dois últimos se referem à subordinação de uma mente a outra).

Vimos na seção 4.1 que as extensões semânticas não se dão apenas a partir do protótipo, mas que novas extensões podem ocorrer a partir de membros menos prototípicos (Lakoff, 1987). Dentro do grupo dos verbos que denotam subordinação, diz Janda (1993), é possível o uso do caso dativo com verbos que denotam anulação de

subordinação, por meio de extensão semântica via antonímia (como em *resistir*, *desobedecer*, *desafiar*). Nos dados retirados do *corpus*, temos exemplos de subordinação e de anulação de subordinação em galego, respectivamente (44) e (45):

(44) Ao César, o que por lei **lle** pertence.

Ao César, o que por lei **DAT3s** pertence.

*A César o que por lei **lle** pertence.*

(TILG13, 1908)

(45) Aos seus pés, un precipicio **impedíalles** avantar.

Aos seus pés, um precipício **impedia-DAT3p** avançar.

*Aos seus pés, um precipício **os** impedia de avançar.*

(TILG14, 1895)

Os verbos de dominação representam o contrário da subordinação: são realizados quando a balança de poder cai em favor do nominativo. São verbos que denotam a imposição de poder sobre outro, e o uso do dativo é significativo porque é possível comandar apenas entidades que têm a vontade e capacidade de agir por conta própria (Janda, 1993). Aqui, a entidade nominativa força a entidade dativa a ser agente de ações que ela, nominativa, escolhe. Por exemplo: *reger*, *dominar*, *mandar*.

(46) Quen **che** mandou facer nada!

Quem **DAT2s** mandou fazer nada!

*Quem **te** mandou não fazer nada!*

(TILG15, 2001)

(47) O crego **mandounos** agardar na taberna.

O padre **mandou-DAT1p** aguardar na taberna.

*O padre **nos** mandou aguardar na taberna.*

(TILG16, 2005)

O dativo também pode ser regido por preposições, substantivos ou mesmo adjetivos (Janda, 1993). Em português, é comum o uso das preposições *para* e *a* – e, com exceção de alguns remanescentes nos pronomes, toda a marcação do dativo se dá por meio das preposições (Berlinck, 1996).

Também existe um grupo de pronomes dativos cujo referente, ainda que não diretamente, é um dos participantes da ação denotada pelo verbo: *o dativo de posse*. Esse pronome frequentemente aparece em sentenças em que o objeto direto é posse inalienável do referente dativo, como em (48) e (49). Definido por Janda como dativo de

afetação *via* posse, a posse age como um veículo para afetar a entidade dativa – por isso é diferente do possessivo. Seu uso concentra atenção nos objetos mais do que em sua relação com o possuidor.

- (48) Unha taboíña para abrir**che** os ollos e relatarche dunha vez quen son.³⁹
 Uma prancha para abrir-**DAT2s** os olhos e relatar-DAT2s de uma vez quem são.

Uma prancha para te abrir os olhos e te dizer de uma vez quem são.

(TILG17, 2001)

- (49) Coseulle unha cella.⁴⁰
 Costurou-**DAT3s** uma sobancelha.

Costurou-lhe uma sobancelha.

(TILG7, 2006)

Na definição proposta por Fried (2011), o dativo de posse sofre afetação indireta e marca uma entidade que participa do evento narrado, seja por si própria, seja via posse de uma entidade afetada. Geralmente, são dativos que não são requeridos pelo verbo, mas que podem ser inseridos, como em (50).⁴¹

- (50) Další výstřel **mu** však těžce poranil nohu. (tcheco)
 Próximo tiro-NOM **DAT3s** entretanto seriamente feriu perna-ACC.

O segundo tiro, entretanto, feriu-lhe seriamente a perna./feriu a perna dele.

Nos trabalhos de Janda e Fried sobre os dativos em tcheco, o dativo de posse vem agrupado em um conjunto chamado *dativos livres*, no qual também estão os dativos interacionais; mas como com o dativo de posse não se envolve um dos interlocutores, ou seja, seu referente ainda está entre os participantes do evento narrado, optei por abordá-lo separadamente. Além disso, os dativos interacionais, como veremos, são extensões via metáfora, enquanto o dativo de posse é uma extensão metonímica. Como vimos acima, a metonímia provém uma ‘rota de acesso’ a um alvo em um dado domínio (Evans e Green, 2006, citando Kövecses e Radden, 1998); em um exemplo como (51) abaixo, o pronome age como um veículo de acesso ao possuidor da cabeça:

- (51) Dó**me** a cabeza.
Me dói a cabeça.

³⁹ Aqui, só destaquei o primeiro *che* porque se trata do dativo em questão, de posse; o segundo tem função de objeto indireto.

⁴⁰ O exemplo de (49) é dubio, pois é possível interpretar o pronome como o dativo de posse, mas também como costurar uma sobancelha em benefício de alguém. O contexto expandido é: “*Limpou as feridas. Puxou iodo. Cortou-lhe o pelo para fazer-lhe melhor as curas na cabeça. Coseulle unha cella. Tres puntos en vivo.*”

⁴¹ Exemplo do tcheco retirado de Fried (2011).

Por conta disso, vejo um problema no esquema elaborado por Janda para representar os dativos livres, pois o esquema da Figura 9, como veremos na página 63 da seção a seguir, contempla muito bem as relações expressas pelo dativo de posse, mas deixa muito a desejar quanto aos dativos interacionais, principalmente porque estes não se referem aos elementos da oração representados no esquema. Na verdade, eles se referem aos interlocutores da interação. Essa questão será discutida na seção a seguir.

4.4 O dativo interacional

Apresento aqui o conceito de dativo que estou chamando *interacional*. Vou apresentar as análises propostas por Janda (1988, 1993, 2004), Fried (2011) e Maldonado (1994) para os pronomes dativos que não se referem a participantes da ação denotada pelo verbo, mas sim a um dos interlocutores no domínio do ato de fala, e relacioná-los aos usos do pronome dativo galego.

Veja o exemplo (52), que ouvi em um restaurante em São Paulo, em que os elementos envolvidos com o verbo *sentar* são a filha, o chiclete e o vestido. O referente do pronome *me* não participa da ação de sentar. O fato de estar na oração indica que, de alguma forma, ele é afetado pelo significado global desta (a mãe que deu o vestido de presente, ou terá que lavá-lo ou jogá-lo fora, ou simplesmente desaprova o ocorrido).

(52) A [minha filha] Carol **me** sentou no chiclete com o vestido novo!

Em galego, diferentemente do português, além do pronome de 1ª pessoa, é possível utilizar outros pronomes dativos com essa função. E, dependendo do pronome e do uso, o tipo de afetação que o pronome indica será diferente.

O pronome dativo em (53) expressa a participação ou interesse de um interlocutor na ação praticada pelo outro. O falante também pode manifestar autoridade sobre o ouvinte de forma imperativa, inclusive com intenção de rejeitar ou proibir algo ou alguma ação, como em (54). Nos exemplos (55)-(57), o pronome dativo é empregado para manifestar empatia, ou buscar a solidariedade, numa espécie de convivência com seu interlocutor.

- (53) Estúde**me** ben a lección, meu fillo.
Estude- **DAT1s** bem a lição, meu filho.

Me estude bem a lição, meu filho.
(Adaptado de Rodríguez, 1996)

- (54) Non **me** quede aí chorando!
Não **DAT1s** fique aí chorando!

Não me fique aí chorando!
(Adaptado de Rodríguez, 1996)

- (55) Vou**che** deixar a rapaza ir contigo.
Vou-**DAT2s** deixar a moça ir contigo.

Vou deixar a moça ir contigo.
(Adaptado de Álvarez, 1997)

- (56) Téñen**che** moitos amigos.
Tê**m-DAT2s** muitos amigos.

Eles têm muitos amigos.
(Adaptado de Rodríguez, 1996)

- (57) O pan va**iche** reseso.
O pão vai-**DAT2s** dormido.

O pão vai/está dormido.
(Adaptado de Rodríguez, 1996)

Fried (2011) propõe uma tipologia para o dativo tcheco em que os nominais marcados com o caso dativo podem ter maior ou menor grau de afetação pela ação denotada. A autora usa nomes diferentes para classificá-los: *dativos de interesse* (que abarcam, por exemplo, o dativo de posse) e *dativos de empatia* (estes podem ter três variações: dativo de empatia *de contato*, *subjetivo* ou *de distanciamento*). Não adotei a mesma terminologia, e, apesar de Fried citar apenas rapidamente uma “variante interacional do dativo” (2011: 2), adotei o termo *interacional* porque me parece abarcar o que há de comum entre os usos estudados no galego. Entretanto, segui a lógica de Fried (2011: 2-3) de não usar o termo *dativo ético*, como esses pronomes são frequentemente chamados em português, pois o que entendemos por dativo ético não é a única variante do dativo interacional. O termo inclusive parece significar coisas diferentes para diferentes pesquisadores e só cobre parte das possibilidades dos dados encontrados.

Ainda que os dativos interacionais tenham nuances semântico-pragmáticas diversas, há um conjunto de propriedades que caracterizam todas as variantes desses dativos e os identificam como uma família formal e funcionalmente distinta de expressões que marcam certos tipos de relações interpessoais, a saber:

- i. São apenas pronominais; ainda que o pronome tenha a forma tônica e a clítica, será a clítica a forma adotada.
- ii. Eles podem parecer com o dativo de posse; entretanto, não se comportam como argumentos sintáticos que obrigatoriamente devem compor a sentença.
- iii. Podem ocorrer com outros nominais marcados com o dativo.
- iv. Desempenham uma função dêitico-discursiva numa relação entre falante e ouvinte.

Em galego, é possível a co-ocorrência do pronome átono com a forma preposição+pronome tônico: '*Deronlles a eles canto tiñan*'. No entanto, não é possível a forma preposicionada para os pronomes interacionais, de modo que (58) e (59), com pronomes que são argumentos do verbo, são possíveis, mas não (60), em que *che* seria um dativo interacional:

- (58) Non **che** me dá pena ningunha.
 Não **DAT2s** DAT1s dá pena nenhuma.
(Olha) Não me dá pena nenhuma.
 (Álvarez, 1997)

- (59) A min non **che** me dá pena ningunha.

- (60) *A ti non **che** me dá pena ningunha.

Não vou expor aqui as regras que regulam a co-ocorrência das formas átonas e tônicas preposicionadas dos complementos indiretos em galego, mas é importante saber de sua possibilidade já que um dos testes possíveis para saber se o pronome se comporta como um dativo interacional, segundo o item i, é verificar se esse permite duplicação pela forma preposicionada.⁴²

Exemplificando os itens ii e iii, veja (61), no qual só destaquei o pronome interacional, para que não se confunda com o dativo de posse *me*.

⁴² Mais exemplos demonstrando a impossibilidade de duplicação são apresentados na página 72.

- (61) A min dóen**che**me moito os pés.⁴³
 A mim doem-**DAT2s**-DAT1s muito os pés.
(Veja que) Me dóem/Dóem-me muito os pés.

O pronome interacional é uma extensão da noção semântica de receptor que parte de um “dativo semântico” (argumento do verbo) prototípico em direção a um “dativo interacional”, como uma transferência cognitiva do domínio experiencial do evento para o domínio das estratégias comunicativas, especificamente nas relações falante-ouvinte (Fried, 2011: 3). Tendo em vista que esse pronome afeta os interlocutores de diferentes formas, os estudos de linguística galega tradicionalmente fazem distinção entre dois diferentes usos dos pronomes interacionais: o *dativo de interesse* e o *dativo de solidariedade*. O falante pode usar um pronome para envolver o interlocutor na narração, buscando criar solidariedade ou cumplicidade com o evento narrado (*“Non **che** me gusta nada ese vestido”*); nesse caso, temos o dativo interacional de solidariedade. Por outro lado, o pronome também pode indicar a pessoa que é indiretamente afetada, positiva ou negativamente, pelo evento narrado (*“Non **me** sexas mentireiro”*), caso do dativo interacional de interesse.

No esquema da Figura 9, proposto por Janda (1993: 83) para os dativos livres,⁴⁴ tudo o que existe ou viola o espaço da “esfera pessoal” codificado pelo dativo entra numa relação com a pessoa descrita pelo dativo.

Figura 9 – Esquema de Janda para os dativos livres

⁴³ Retirado do vídeo da música “Préndeme o boi”, de Páramo Pictures, uma paródia de temática galega da música “Duele el corazón”, de Enrique Iglesias.

Acesso em <<https://www.youtube.com/watch?v=tvfE3wkqtto>>.

⁴⁴ Como dito acima, Janda inclui os dativos interacionais em um grupo que ela chama ‘dativos livres’.

Na proposta de Janda (1993), quando se usa o pronome interacional, a esfera de afetação do dativo se expande, mapeando a relação dativa para os participantes da interação. Aqui, tudo o que é requerido é que a esfera de controle do dativo seja afetada de alguma forma. Em todos os casos, é a predicação inteira, e não apenas um objeto, que entra numa relação dativa com uma entidade. A definição de afetado/receptor é expandida para incluir beneficiários das ações, possuidores de objetos ou mesmo interlocutores da interação.

Retomando a discussão iniciada ao fim da seção anterior, há um problema na representação proposta por Janda para os dativos livres, que incluem o dativo de posse e os interacionais. O esquema da Figura 9 mostra as relações entre os elementos do evento narrado. De fato, o esquema de Janda funciona muito bem com o dativo de posse: um referente nominativo afetando um acusativo que pertence à esfera de controle do referente dativo, como em (62)-(64).

- (62) **Te** quebro a cara. (PB)
- (63) Dó**me** a cabeça.
Me dói a cabeça.
- (64) Van**che** doer os fuciños.
*Vão **te** doer os focinhos. (Vai doer o seu nariz.)*
(TILG6, 1901)

No entanto, ao usar o pronome interacional, não temos um acusativo interferindo na esfera de controle do referente dativo, mas sim uma predicação inteira. Além disso, a própria Janda (1993: 110) chama os usos pragmáticos do pronome dativo de extensões semânticas via mapeamento, que, no caso, trata-se de um mapeamento para o domínio do ato de fala.

Então, se o dativo interacional mapeia a relação dativa para o domínio do ato de fala, é necessário criar um esquema que represente esse domínio. O que proponho é algo como o esquema da Figura 10, no qual o domínio fonte é o do evento denotado pelo verbo, e o alvo é o domínio do ato de fala. Este esquema não se apresenta completo porque haverá diferença na relação entre os interlocutores e a predicação, detalhes que serão apresentados em suas respectivas subseções.

Figura 10 – Mapeamento para o domínio do ato de fala

As extensões metafóricas do protótipo do dativo – i. e. do referente a que se destina uma ação – podem: i) projetar as relações capturadas por um esquema para outro campo semântico; ou ii) mapear as relações de caso para outros domínios (para o domínio da percepção do falante ou para o domínio do ato de fala), caso do dativo interacional (Janda, 1993: 21).

4.4.1 O dativo interacional de interesse

Os nomes dados para o dativo interacional de interesse variam de autor para autor.⁴⁵ Um dos principais aspectos de seu uso é que ele põe em destaque um avaliador intelectual/emocional do evento (Maldonado, 1994). Barreiro (1997) cita a definição de J. J. Nunes para o dativo de interesse galego: “o que não é pedido pela natureza do verbo e indica apenas admiração, censura e um tal ou qual interesse da parte de quem fala.”

- (65) Non **me** vas sen elas.
 Não **DAT1s** vais sem elas.

*Não **me** vá sem elas.*

(Adaptado de Álvarez, 1997)

Maldonado propôs o esquema da Figura 11 para representar o dativo de interesse, deixando marcada a assimetria entre emissor (E) e receptor (R):

⁴⁵ Muitos o chamam de dativo ético, outros (como Strozer, 1978) falam claramente que dativo ético e de interesse são nomes diferentes para a mesma coisa. Fried usa o termo dativo de empatia.

Figura 11 – Esquema de Maldonado para o dativo de interesse

O dativo de interesse acrescenta uma força expressiva à sentença, e sua interpretação é de que a pessoa representada pelo pronome está, de alguma forma não muito bem definida, envolvida ou interessada na situação em questão; ou, então, seu uso serve para dar um tom familiar ou festivo à oração.

Para Maldonado (1994), o tipo de dativo será determinado de acordo com o grau de proximidade conceitual: o quão próximo está o receptor em relação à ação designada pelo verbo.⁴⁶ A distância relativa de um participante afetado pela realização da ação determina o tipo de relação gramatical conferida a esse participante. Por exemplo, o objeto indireto é o dativo mais próximo da ação verbal (trata-se de um participante beneficiário que é parte da organização inerente ao verbo). Maldonado defende que o dativo de interesse corresponde a um avaliador do evento, cuja distância conceitual em relação ao verbo o torna externo à ação verbal, mas nem por isso alheio à conceitualização global do evento. A possibilidade do emissor de localizar-se no espaço de escuta permite que seus próprios interesses formem parte da avaliação do ato.

Conforme dados apresentados por Maldonado (1994) para o espanhol, o dativo de interesse pode co-ocorrer com outros pronomes – inclusive dativos. Não é possível dativo de interesse em terceira pessoa (é razoável com segunda pessoa, e inquestionável com primeira pessoa); afinal, como o uso pragmático do dativo (seja o de interesse ou de solidariedade) mapeia a relação dativa para o domínio do ato de fala, o seu uso está limitado aos participantes da interação, aos pronomes de 1ª e 2ª pessoas.

⁴⁶ Maldonado faz uma divisão entre quatro construções de dativo: objeto indireto, benefactivo, dativo de afetação e dativo de interesse (em ordem de proximidade conceitual), mas abordei apenas o suficiente da primeira, para a compreensão da semântica do caso dativo, e da última, para a discussão dos pronomes interacionais.

Com o pronome dativo de 1ª pessoa do singular, o falante expressa uma relação com um evento, ainda que não esteja realmente envolvido nele como um dos argumentos do verbo. O pronome de 1ª pessoa expressa ainda que o evento narrado, ou seja, toda a predicação e não apenas a ação denotada pelo verbo, pertence à esfera de controle do falante. Veja o exemplo de (66), que foi dito por um rapaz que tinha ido a uma lanchonete em Santiago de Compostela já tarde da noite, mas que estava fechada; ao voltar, disse:

- (66) Non **me** abre o xoves.
 Não **DAT1s** abre quinta-feira.
*Não **me** abre às quintas-feiras.*

E o fato de a lanchonete estar fechada o afetava de alguma forma (afinal, queria comprar comida); o pronome ali dá destaque a essa afetação.

Em (67) abaixo, *me* indica que, de algum modo, a ação do filho recai sobre o falante, que corresponde à mãe ou ao pai; *che* é o dativo de 2ª pessoa, buscando a participação do interlocutor, que veremos logo em seguida.

- (67) O meu fillo non **che** **me** come res.
 O meu fillo não **DAT2s** **DAT1s** come nada.
*(Veja só) O meu fillo não **me** come nada!*

Para Fried (2011: 14), esse pronome pode ser uma reação direta a uma elocução (sendo a reação do falante uma expressão de surpresa); algo no discurso motiva a reação emocional do falante a uma informação inesperada. Esse parece ser o caso em (68) a seguir.

- (68) Na hora do sepultamento, o tio Zezé quase **me** cai dentro da cova. (PB)⁴⁷

Já em (69), a consequência da ação de cair recai, de algum modo, sobre o falante; o pronome indica que a predicação inteira afeta a esfera de controle do falante. O exemplo (70) mostra a reação de uma garota ao perceber que a Lua aparecia estrategicamente em um pequeno espaço entre os prédios ao redor de sua casa.

- (69) Tem cuidado, não **me** caias! (PE)

- (70) E olha onde ela **me** resolve aparecer... (PB)

⁴⁷ Relato que um amigo ouviu sobre um velório.

O falante expressa sua reação subjetiva, emocional, ao evento denotado (Fried, 2001: 13). Como é orientado totalmente para o falante, há de ser na primeira pessoa do singular, como em (71). Entretanto, em tcheco, também se encontram usos da primeira pessoa do plural, veja (72).⁴⁸

- (71) No to je **mi** ale náhoda! (tcheco)
Bem, isso é **DAT1s** mas coincidência!

*Nossa, que coincidência!*⁴⁹

- (72) Rostou **nám** zoubky! (tcheco)
Crescer-pl **DAT1p** dentes!

Nós temos novos dentes crescendo!

Em (72), na interpretação de Janda (1993), está crescendo o dente novo em uma criança, e a mãe fala com ela com o pronome plural indicando que, de alguma forma, esse fato a afeta também, demonstrando solidariedade com o desconforto temporário que isso pode trazer e/ou compartilhando a felicidade do ocorrido. A forma plural de 1ª pessoa pode ser usada para mostrar solidariedade ou simpatia com o interlocutor. O falante se coloca na esfera do ouvinte e, portanto, na mesma relação com o evento narrado, conforme experienciado pelo ouvinte. Em PB, esse uso do pronome de 1ª pessoa do plural não parece funcionar da mesma forma, sendo preferível flexionar o verbo no plural para obter um efeito pragmático semelhante. Por exemplo, para demonstrar interesse na saúde de alguém, (73):

- (73) Estamos melhor de saúde?

Apesar de os usos dos pronomes plural e singular parecerem muito na forma, Fried não concorda com Janda que, ao menos em tcheco, o dativo de primeira pessoa do plural tenha o mesmo valor do pronome singular: para Fried, o falante pode ser facilmente interpretado simplesmente como um participante do evento (um coparticipante). Apesar de ter sido confirmado por Rosario Álvarez, em comunicação oral, que é possível o uso da 1ª pessoa plural (*nos*) com função interacional, só encontrei no *corpus* os pronomes *che/vos, me, lle/lles*.

⁴⁸ Esse uso com a forma plural, Janda chama de dativo de solidariedade.

⁴⁹ A tradução desse exemplo do tcheco para o inglês proposta por Fried é "*My, what a coincidence!*". Nesse caso, não encontrei uma tradução equivalente em português.

Proponho que um esquema que represente o dativo de interesse deve mostrar que o evento narrado, ou seja, toda a proposição afeta um dos interlocutores, nesse caso o falante, como no esquema da Figura 12.

Figura 12 – Conceitualização do dativo interacional de interesse

O domínio fonte à esquerda (o domínio do evento denotado pelo verbo) tem suas relações mapeadas para o domínio alvo, à direita (o domínio do ato de fala, com falante (F) e (O) interagindo). É importante atentar-se à linha pontilhada, pois ela representa, no mapeamento, que a entidade marcada com o dativo se refere ao falante no domínio da interação. Na Figura 12, todo o conteúdo denotado pelo verbo é projetado para o falante, de forma semelhante à cadeia de ação do dativo prototípico, porém extrapolando o domínio da predicação e mapeando a direção de energia para o domínio da interação.

4.4.2 O dativo interacional de solidariedade

Como já dito, tradicionalmente o dativo de solidariedade tem a forma da 2ª pessoa. A definição do dativo de solidariedade apresentada na *Gramática Galega* (Álvarez, Regueira e Monteagudo, 1986: 174) fala que o uso do pronome dativo pode

envolver o interlocutor nos fatos narrados ou nas opiniões que expressam, aos quais, em princípio, o ouvinte estava alheio, buscando a sua solidariedade, a sua cumplicidade ou simplesmente uma maior aproximação afetiva entre ele, a mensagem e o emissor.⁵⁰ (Tradução minha)

Os requisitos para esse dativo são: i) o referente dativo é o interlocutor; e ii) seu referente está desconectado do evento, ou seja, isso significa que ele não participa do evento narrado nem como um argumento do verbo (nesse sentido, é igual ao dativo de interesse), nem como indiretamente envolvido ou interessado na situação em questão (ponto em que difere do dativo de interesse). Veja os exemplos a seguir, do tcheco e do galego:

- (74) Včera jsem **ti** měl silnou horečku. (tcheco)
 Ontem sou-AUX **DAT2s** tive febre forte-ACC.
(Tá sabendo?)⁵¹ Ontem eu tive uma febre forte.

- (75) Dixéronme que **che** morreu o can de don Carlos Limonié.
 Disseram-me que **DAT2s** morreu o cachorro de don Carlos Limonié.
(Veja só!) Me disseram que o cachorro do dom Carlos Limonié morreu.
 (TILG18, 1982)

Para Fried, a intenção do falante é enfatizar a notabilidade do que está sendo dito porque algo vai contra o esperado, ou porque o falante apela para o interesse do ouvinte e espera criar uma reação de simpatia. Costuma-se atribuir a ele a função de busca de aprovação, de concordância do interlocutor; podemos vê-lo como um artefato para construir a cumplicidade entre falante e ouvinte: ao incluir o interlocutor no enunciado como se fosse um dos participantes, o falante, além de manter aberta uma via de comunicação, busca também assegurar que o sentimento do seu interlocutor sobre o evento narrado esteja de acordo com o seu (Álvarez, 1997: 40).

⁵⁰ No original: “É moi frecuente o uso do pronome dativo para implica-lo interlocutor nos feitos que se narran ou nas opinións que se expresan, ós que en principio era alleo, procurando a súa solidariedade, a súa cumplicidade ou simplemente unha aproximación afectiva entre el, a mensaxe e o emisor”.

⁵¹ A interpretação do pronome que Janda propôs em inglês foi “Hey, you know what?”.

O dativo de solidariedade em tcheco não pode ocorrer juntamente com outras referências ao ouvinte (Fried, 2011); por exemplo, não ocorre com sentenças imperativas. Isso pode se dever à função pragmática específica desse dativo, que pressupõe um certo grau de surpresa e atitude empática por parte do falante, ou seja, não há como provocar isso se o ouvinte já participa de alguma forma da ação. Isso foi confirmado na pesquisa *on-line* feita com os falantes de galego; sentenças imperativas que afirmavam que fariam tranquilamente, quando acrescidas do dativo interacional, o *che* ou o *me*, eram classificadas como pouco prováveis, e que dificilmente se viam falando daquela forma, de modo que (76) é possível, mas (77), não.

(76) Non me chame despois das onze da noite!⁵²
Não me ligue depois das onze da noite!

(77) *Non **che** me chame despois das onze da noite!

Enquanto o dativo de interesse é empregado para expressar que a pessoa se encontra vivamente interessada na ação do verbo, no dativo de solidariedade não há vínculo entre a ação verbal e a pessoa por ele designada. Esta não sofre nem direta nem indiretamente a ação verbal, nem tem influência nela; o falante introduz o interlocutor em seu enunciado numa tentativa de envolvê-lo afetivamente.

Uma forma de contrastar os dativos interacionais com os outros dativos é verificar se admitem o movimento de um sintagma nominal interrogativo, como em (78). Aqui, o pronome exerce função benefactiva.⁵³

(78) A quen **lle** ven esta xente con excusas? A ela.
 A quem **DAT3s** vem esta gente com desculpas? A ela.
A/Sobre quem vem esta gente com desculpas? A/Sobre ela.

Já os dativos de solidariedade não admitem duplicação com um sintagma nominal correferente. Em (79), o pronome pode ser tanto de solidariedade como um benefactivo; é o contexto da interação que o definirá. Mas, ao se fazer a duplicação com a forma preposicionada, em (80), perde-se a ambiguidade, prevalecendo a leitura benefactiva.

⁵² (76) e (77) são sentenças que criei para a pesquisa *on-line*, que pode ser conferida no Apêndice B.

⁵³ Os exemplos de (78) a (84) foram retirados Sequeiros (2004) e testados com informantes.

- (79) Esta xente sempre **che** vén con historias.
 Esta gente sempre **DAT2s** vem com histórias.

Esta gente sempre vem com histórias.

- (80) Esta xente sempre **che** vén **a ti** con historias.
 Esta gente sempre **DAT2s** vem **a ti** com histórias.

*Esta gente sempre **te** vem com histórias.*

O mesmo acontece em (81) e (82): em (81), os falantes me informavam que tanto poderia se tratar de um dativo de solidariedade como de um dativo de posse; diferentemente, em (82), só a leitura de posse seria possível.

- (81) Morreu**che** a vaca.
 Morreu-**DAT2s** a vaca.
*Morreu (**a sua**) vaca (**Sabia?**)*

- (82) Morreu**che** a vaca **a ti**.
 Morreu-**DAT2s** a vaca a ti.
Sua vaca morreu.

O exemplo (83) só permite a leitura de dativo de solidariedade; quando se tenta derivar a forma preposicionada a partir dele (como em (84)), os falantes consultados disseram que não se veem falando isso.

- (83) Estan**che** ben tolos.
 Estão-**DAT2s** bem tolos.
*(**Olha só!**) Estão todos bem tolos.*

- (84) *Estan**che** ben tolos **a ti**.

Com o uso do pronome dativo de 2ª pessoa, o falante mapeia a relação de caso para o domínio do ato de fala, usando a semântica do dativo – i.e. a noção de afetação – para tentar construir a existência de uma relação entre o ouvinte e o evento narrado. A fim de envolver o interlocutor em sua narração, o falante projeta esse tipo de relação dativa, ou seja, marcando o interlocutor como alguém afetado pela ação. O ouvinte é convidado a se aproximar do evento narrado; diferentemente do dativo de interesse, o referente do dativo de solidariedade não é afetado pela ação, mas é levado até ela. Para Janda (1993: 106), se o falante mapeia a relação dativa para o domínio do ato de fala, agrupando o ouvinte com o evento narrado, a implicação é de que a mensagem está sendo dada em benefício do falante.

Proponho o esquema da Figura 13 para representar o dativo de solidariedade, no qual a escolha da linha curva, em vez da reta, serve para marcar a diferença do esquema da Figura 12 porque, diferentemente do que acontece com o uso do dativo de interesse, o ouvinte não é afetado pela predicação, mas sim está sendo convidado a participar dos efeitos do feito narrado.

Figura 13 – Conceitualização do dativo interacional de solidariedade

Como o uso do dativo de solidariedade é um artifício pragmático do domínio do ato de fala usado por falantes para ouvintes, ele está restrito ao uso de pronomes pessoais de 2ª pessoa. Sendo assim, é distinto do dativo de interesse, artifício pragmático que permite pronomes de 1ª pessoa.

Segundo Jakobson (1936 [1984]: 85), seu uso indica que o ouvinte passa a ser percebido como se fosse afetado pela ação, como se a ação tivesse acontecido com ele.

Por exemplo, em (85), ainda que quem sinta a dor seja exclusivamente o falante, ele busca a empatia do ouvinte, para que este se solidarize com sua dor de dente.

(85) Dóe**cheme** unha moa.

Dói-**DAT2s-DAT1s** um dente.

(Saiba que) Me dói um dente.

(Adaptado de Álvarez, 1997)

Nos termos de Fried (2011) (em cuja terminologia se trata de um dativo de empatia de contato), o dativo de solidariedade não serve apenas para captar a atenção do ouvinte usando um apelo direto; é usado como se o ouvinte não estivesse (completamente) ciente do que está acontecendo no evento narrado, ou que ele pode achar isso surpreendente (e talvez interessante). A intenção do falante é enfatizar a notabilidade do que está sendo dito – talvez porque algo vai contra o esperado –, na medida em que o falante apela para o interesse do ouvinte e espera criar uma reação de simpatia, como nos exemplos (85), acima, e (86), abaixo.

(86) Začal **ti** **mě** bolet zub. (tcheco)
Começou **DAT2s** **ACC1s** doer dente-NOM.

*(Você não vai acreditar!)*⁵⁴ *Meu dente começou a doer.*

Ao incluir o interlocutor no enunciado como se fosse um dos participantes, o falante pode também buscar assegurar que o sentimento do interlocutor sobre o evento narrado esteja de acordo com o seu (Álvarez, 1997: 40). Por exemplo, em (87), eu conversava com um amigo sobre a questão da diglossia na Galiza. Ele, após relatar exemplos cotidianos de políticas linguísticas e preconceitos linguísticos sobre o galego, fala, buscando meu envolvimento com a questão:

(87) É**che** o que pasamos aquí.
É-**DAT2s** o que passamos aquí.

(Pois é!) É o que passamos aqui.

Costuma-se atribuir ao dativo de solidariedade, nos estudos galegos, a função de busca de aprovação, de concordância do interlocutor; como já dito, podemos vê-lo como um artefato para construir a cumplicidade entre falante e ouvinte.

⁵⁴ Exemplo tirado de Fried (2011: 2). A interpretação que ela propõe aqui para o pronome é “*get this*”. O contexto completo, em inglês, é: “*Friday evening I get myself home, have a little supper, and, **get this**, my tooth starts hurting. So I quickly popped in a pill and it stopped*”.

Já no exemplo de (88), que anotei, um casal de amigos meus falava sobre um acidente recente na cidade de A Coruña,⁵⁵ em que um funcionário da limpeza pública morreu ao cair um contêiner de lixo sobre ele. Isso disparou uma discussão envolvendo o serviço público de limpeza e sua segurança, e ambos pareciam exaltados. Então a moça fala:

- (88) Os basureiros deben de ser controlados. Non **che** poden cair os basureiros, Carlos!
 As lixeiras devem ser controladas. Não **DAT2s** poden cair as lixeiras, Carlos!

As lixeiras devem ser controladas. (Veja que) As lixeiras não podem cair, Carlos!

Em galego, quando a interação se dá com mais de um interlocutor, adota-se a forma plural do pronome dativo de segunda pessoa, *vos*. Como já mencionado, frequentemente ela é usada junto com a forma de segunda pessoa do singular *che*:

- (89) Ha**ichevos** muito que ver.
 Há-**DAT2s-DAT2p** muito que ver.

(Vejam que) Há muito para ver.
 (Álvarez, 1997)

- (90) Lugo é**chevos** a Pamplona de Galicia.
 Lugo é-**DAT2s-DAT2p** a Pamplona de Galiza.

(Saibam que) Lugo é a Pamplona da Galiza.
 (Álvarez, 1997)

Sobre a co-ocorrência com a forma singular, Álvarez (1997: 44-45) fala de um *che* expletivo. Devido à frequência do *che* com função interacional, este teria se convertido numa marca de solidariedade que pode acompanhar outros pronomes interacionais, como no exemplo dado por ela, (91), em que há o *che*, e o *lle* refere-se à mãe, tratada com o pronome de cortesia *vostede*:

- (91) Fói**chelle** da orina, nai.⁵⁶
 Foi-**DAT2s-DAT3s** da urina, mãe.

(Olhe) Foi da urina, mãe./Foi-se pela urina, mãe.
 (Álvarez, 1997)

Em suma, as definições dos dois clíticos diferem em: a pessoa designada pelo dativo de solidariedade não está necessariamente afetada ou sequer interessada na ação que o verbo descreve, e o pronome cria essa relação buscando mapear o ouvinte como

⁵⁵ Em todo o trabalho, optei por adotar a grafia oficial, em galego, em vez da espanholizada que costuma chegar ao Brasil.

⁵⁶ O exemplo foi tirado de Álvarez (1997: 45), e não foi apresentado um contexto maior em seu artigo. Busquei nos *corpora* informatizados, mas não encontrei nenhum exemplo de *che+lle* com uso interacional.

interessado no evento narrado; por outro lado, a função do dativo de interesse é precisamente a de expressar quem se vê indiretamente afetado pela ação verbal, codificando o mapeamento de um dos interlocutores – no caso, o falante – na predicação.

4.5 Quadro geral

Este capítulo buscou apresentar a discussão acerca da semântica do caso dativo e parte de suas extensões, sem, contudo, esgotá-las. Exemplos dos usos do dativo que vimos ao longo do capítulo foram reproduzidos com nova numeração.

PROTÓTIPO: OBJETO INDIRETO

É conceitualizado como uma transferência material: uma fonte de energia causa a um nominal passar para o campo de acesso de outro nominal. Traz consigo a ideia de transferência de energia e marca o referente afetado indiretamente pela ação. O constituinte com a função de objeto indireto é tomado como seu melhor exemplar, e tradicionalmente tem o verbo *dar* como seu protótipo.

(92) Déron**che** a ti canto tiñan.

EXTENSÃO VIA SINONÍMIA

Traz a noção de transferência de posse, material e perceptual, porém o referente dativo é opcional, ou seja, não é requerido na estrutura do verbo. São exemplos sentenças com os verbos *mercar* (port. *comprar*) e *facer* (port. *fazer*).

(93) Xa **che** merquei a “Enciclopedia”, unha cartilla i unha guía.

EXTENSÃO VIA ANTONÍMIA

A transferência vai no sentido oposto ao do protótipo, indicando a origem, e não o destino do nominal, e invoca o sentido de dano em vez de benefício. São verbos como *sacar* (port. *tirar*) e *tomar* por exemplo.

(94) Cría corvos que **che** sacarán os ollos.

EXTENSÃO VIA METONÍMIA

Remete à noção de transferência não material (de valores, benefício, dano), mas o nominal transferido – geralmente marcado pelo acusativo – fica subentendido e não precisa ser expreso. Nesses casos, o nominativo age diretamente sobre o dativo. São exemplos os verbos *pagar* e *desafiar*. As extensões via metonímia podem representar relações de:

- Subordinação: o referente nominativo é controlado pelo dativo.

(95) Ao César, o que por lei **lle** pertence.

Também pode haver anulação da subordinação via antonímia:

(96) Aos seus pés, un precipicio impedí**alles** avanzar.

- Dominação: o referente nominativo controla o dativo.

(97) O crego mandou**nos** agardar na taberna.

DATIVO DE POSSE

A afetação ocorre *via* posse. O referente dativo é afetado devido à posse do referente objeto direto (normalmente marcado com o caso acusativo). Como ele provém uma ‘rota de acesso’ ao referente afetado, pode ser categorizado como uma extensão metonímica.

(98) Dó**me** a cabeza.

EXTENSÕES VIA METÁFORA: DATIVOS INTERACIONAIS

As relações do caso dativo são mapeadas para o domínio do ato de fala. São os pronomes dativos que não se referem aos participantes da ação denotada pelo verbo, mas sim a um dos interlocutores da interação. Incluem um ou mais interlocutores na conceitualização que o verbo denota, buscando criar alguma cumplicidade, solidariedade, ou demonstrar sua posição em relação ao fato narrado.

- Dativo interacional de interesse

A pessoa representada pelo pronome está, de alguma forma não muito bem definida, envolvida ou interessada na situação em questão. O falante expressa uma relação com um evento, mesmo que não esteja envolvido nele como um dos argumentos do verbo.

(99) Estúdeme ben a lección, meu fillo.

- Dativo interacional de solidariedade

Pronome que envolve o interlocutor nos fatos narrados ou nas opiniões que estão sendo compartilhadas. Seu referente está desconectado do evento, não participa nem como um argumento do verbo nem como indiretamente envolvido ou interessado na ação. Pode ser visto como um artefato para construir a cumplicidade entre falante e ouvinte.

(100) Non che me dá pena ningunha.

Para finalizar, nem sempre é possível classificar com precisão a função de cada dativo na interação, principalmente sem um contexto mais expandido que ajude a tirar possíveis ambiguidades de seu uso. Em (32), por exemplo, o pronome dativo não tem a função prototípica de objeto indireto, mas é possível interpretar tanto que o ouvinte é afetado pela ação denotada pelo verbo (é em benefício do ouvinte que o falante é cortês), como pode se tratar de um dativo interacional de solidariedade.

(101) Non teñas medo, que che somos xente de curtesía.

Ou mesmo o exemplo abaixo, em português, em que o pronome pode ser um dativo de posse (nasceu a filha da pessoa), ou um dativo de afetação (o pronome se refere à entidade afetada pelo nascimento da filha).

(102) Nasceu-lhe a filha.

Conforme discussão apresentada por Evans e Green (2006: 250) sobre os trabalhos de Rosch e de Lakoff, as categorias não têm fronteiras claramente definíveis, são na verdade descritas com fronteiras imprecisas, difusas (*fuzzy*), o que se reflete na

linguagem, por exemplo, em categorias gramaticais e lexicais, de modo que é possível não haver unanimidade sobre as classificações sugeridas aqui.

5 UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA

Vimos até agora o processo de conceitualização envolvido no uso dos dativos interacionais, sem, contudo, abordar o papel do interlocutor nesse processo. A visão tradicional dos atos comunicativos é de que eles são realizados por um falante de modo autônomo (Clark, 1996: 125), e a associação entre forma e conteúdo é tratada como algo independente da subjetividade de falante e ouvinte. No entanto, toda comunicação é uma construção coletiva, com falante e ouvinte participando conjuntamente da construção da significação, ambos orientando e negociando o desenrolar da conversa (Clark, 1996; Cornejo, 2004; Goffman, 1967, 1980; Goodwin e Goodwin, 1992; entre outros).

Segundo novas linhas de pensamento dentro da área da Pragmática, o estudo da linguagem deve abarcar tanto o seu aspecto individual/cognitivo como o aspecto social, ou seja, para estudar a comunicação humana e a construção do significado linguístico não devemos nos basear apenas no indivíduo falante, mas também em sua relação com o ouvinte e o contexto do ato de fala. Neste capítulo, apresento alguns dos estudos que veem a linguagem como o produto de uma atividade conjunta (Clark, 1996), e o uso da língua e a criação do significado linguístico como processos que devem ser estudados tanto do ponto de vista objetivo/social como subjetivo/cognitivo (Clark, 1996; Cornejo, 2004). Mostrarei como os dativos interacionais contribuem para a criação conjunta do significado linguístico, ajudando a construir a ação comunicativa e guiando os interlocutores na interação.

Já vimos que, enquanto estratégia de incluir um ou mais interlocutores na conceitualização do evento que o verbo denota, os dativos interacionais podem exercer diferentes funções. O dativo de interesse põe em destaque um avaliador do evento (Maldonado, 1994: 242), e sua inserção corresponde à expressão do modo como o falante vivencia o evento denotado (Miguel, Gonçalves e Duarte, 2011: 395). O dativo de solidariedade envolve o interlocutor nos fatos narrados ou nas opiniões que expressam, buscando aprovação ou concordância do interlocutor (Álvarez, Regueira e Monteagudo, 1986; Álvarez, 1997). Veremos agora como se dá o processo de codificação dos interlocutores no que está sendo falado segundo os estudos de Haddad (2013) e Langacker (1987, 2002, 2008), mostrando como os dativos interacionais podem ser

usados como convites para o ouvinte participar conjuntamente da conceitualização de um objeto, compartilhando a subjetividade entre falante e ouvinte (Haddad, 2013). Além disso, veremos como os pronomes interacionais contribuem com a criação de um *common ground* entre os interactantes.

5.1 A linguagem como ação conjunta

A língua é usada para fins sociais, para fazer coisas – conhecer pessoas, planejar atividades diárias, focar, debater política, em atividades de entretenimento, aprender e ensinar, e assim por diante. Além desses objetivos maiores, a linguagem também opera no alcance de pequenas metas na escala micro (Goodwin e Goodwin, 1992; Clark, 1996, entre outros). Por exemplo, por meio de pequenas pistas, linguísticas ou não, os interactantes direcionam a conversa com diversificados fins – pode ser convencer alguém sobre um ponto de vista, ou encerrar um tema de forma polida –, e para isso falante e ouvinte contribuem mutuamente, de modo coordenado. Ou seja, o uso da linguagem, além de envolver contexto e interlocutores específicos, também tem uma determinada meta comunicativa.

A Pragmática tradicional presume a existência, na mente, de um significado “em si” das sentenças, com um componente pragmático responsável por acomodar esse ‘significado em si mesmo’ (*meaning-in-itself*, nos termos de Cornejo) à situação comunicativa particular e extrair inferências contextuais adicionais (perpetuando, desse modo, as dicotomias *langue/parole* ou competência/*performance*). Ao excluir o papel ativo dos interlocutores, a relação entre significado e significante inevitavelmente se transforma em uma relação estática, que é incapaz de explicar a flexibilidade e a variabilidade do significado nos usos cotidianos da linguagem.

Para Cornejo, o significado deve ser entendido como um fenômeno que acontece na experiência do sujeito; é um ‘significado-para-alguém’ (*meaning-for-somebody*), uma construção dependente de sujeito e contexto. O significado linguístico não é uma entidade abstrata pré-existente ativada quando a língua é usada, é antes uma construção em progresso que, portanto, depende de uma série de fatores, como pistas

paralinguísticas e não-linguísticas, comportamento corporal, compreensão do *background*, etc. (2004: 19).

Portanto, quando consideramos o contexto de uso de um elemento linguístico particular, não estamos nos referindo a um 'significado em si', inerente, mas sim à experiência subjetiva de significado (Cornejo, 2004: 12). Não se trata de descrever o significado (descontextualizado) das palavras, trata-se do significado *on-line* que falante e ouvinte constroem conjuntamente ao usar/ouvir⁵⁷ essas palavras em um contexto particular.

Cornejo (2004), ao discutir a questão do significado linguístico na Psicologia, aponta para o problema da divisão entre o que é social, objetivo, e portanto intersubjetivo, do que é individual, subjetivo. Para ele, ao mesmo tempo em que o significado requer a interpretação subjetiva de um sujeito, esses processos de compreensão interna são baseados em possibilidades socialmente compartilhadas. Então, mesmo que significado e entendimento (*meaning* e *understanding*) sejam processos internos, eles são sustentados por muitos elementos sociais (Cornejo, 2004: 20).

Por um lado, o significado é sempre determinado contextualmente, porque é um conteúdo da consciência e, conseqüentemente, é construído na experiência de um sujeito, que é sempre contextualizada. Por outro lado, o processo de compreensão utiliza múltiplas pistas convencionalizadas. Mesmo que seu alto grau de convencionalização possa variar, elementos semióticos são sempre o resultado de internalizações de jogos de linguagem com outras pessoas. (Cornejo, 2004: 21. Tradução minha)⁵⁸

Herbert Clark (1996) também rompe com a polarização individual/social, tão frequente nos estudos linguísticos. Ele propõe que a linguagem, em vez de um processo individual isolado ou um processo exclusivamente social, é uma incorporação do individual e do social, uma tarefa resultante do contínuo trabalho das ações conjuntas que as pessoas, com identidades e contextos próprios, realizam cotidianamente em conjunto e de modo coordenado. A partir de desempenhos individuais, em coordenação

⁵⁷ No caso de línguas de sinais, seria sinalizar/ver, mas como estou trabalhando apenas com língua oral, manterei a dicotomia própria para essa modalidade.

⁵⁸ No original: "On the one hand, meaning is always contextually determined, because it is a content of consciousness and consequently it is construed within the experience of a subject, which is always contextualized. On the other hand, the comprehension process utilizes multiple conventionalized cues. Even though their degree of conventionalization can vary, semiotic elements are always the result of internalizations of language games with others."

com o(s) do(s) outro(s), criam-se atividades conjuntas que se constituem nas negociações do cotidiano.

Para Clark, falar e ouvir não são independentes um do outro; o ouvir e o falar são produtos de ações participativas, interdependentes, ações que ultrapassam a mera transferência física de pensamentos e sentimentos. O uso da linguagem é uma forma de ação conjunta (*joint action*) executada por pessoas agindo coordenadamente entre si, como um dueto de piano, no qual os dois pianistas não podem deixar de se concentrar no próprio trabalho, ou seja, em como eles próprios executam suas respectivas partes individualmente, mas precisam estar atentos à harmonia e ao produto final da parceria entre eles; realizar uma ação solo, individual, não é o mesmo que participar de uma ação aparentemente idêntica que faz parte de uma ação conjunta. Do mesmo modo, os participantes de uma conversa não agem apenas em relação um ao outro, eles coordenam suas ações um com o outro. Para isso, precisam compartilhar algum conhecimento de mundo, crenças, ter um *common ground*,⁵⁹ e ambos devem acreditar que estão compartilhando desse *common ground* ao participar da interação.

Uma das proposições de Clark é: *O uso da linguagem sempre envolve o significado do falante e o entendimento do interlocutor* (1996: 23). O interlocutor sabe que o falante tem uma intenção ao dizer algo, e então busca interpretar essa intenção e agir baseado nela. Embora o uso da linguagem não se resuma a querer dizer de um lado e entender do outro, essas noções são centrais para o uso da linguagem, pois moldarão a forma como falante e ouvinte se comportarão em relação um ao outro. Há um constante esforço, com contribuições de ambas as partes, para que o que está sendo dito seja entendido. Sem essa coordenação precisa, não pode haver comunicação.⁶⁰ De diferentes formas, os participantes conseguem sincronizar suas participações nas interações e demonstrar o quanto suas mentes estão em sintonia uma com a outra.

Para Goodwin e Goodwin (1992), uma dessas formas é o julgamento sobre o que é falado. Participantes de uma interação estão constantemente fazendo avaliações acerca do que está sendo dito por meio de expressões (“eu acho que”, “não é mesmo?”),

⁵⁹ O *common ground* de duas pessoas é a soma de seus conhecimentos mútuos, comuns ou conjuntos, crenças e suposições, e mais a ele é acrescentado a cada interação entre essas pessoas (Clark, 1996: 93). Esse termo será mais explorado ao longo do capítulo.

⁶⁰ Clark usa a noção de “projetos conjuntos”, nos quais as pessoas executam pequenas negociações, pela interação, atingindo projetos maiores em uma atividade conjunta.

“concorda?”), variação no tom de voz ou movimentos faciais (como expressões de aprovação ou repulsa simultâneas ao que é falado). Essas avaliações, segundo os autores, ajudam a mostrar a experiencição dos interactantes, incluindo seu envolvimento afetivo quanto ao evento narrado. Com essa atividade, indivíduos não apenas produzem ações de avaliação, como também podem direcionar a avaliação dos outros (Goodwin e Goodwin, 1992: 156). Mesmo asserções aparentemente simples são ações linguísticas que desenvolvem o *common ground*, pois conduzem a pressuposições na conversação ao adicionar o conteúdo do que está sendo afirmado ao que é pressuposto (Clark, 1996: 39, citando Lewis, 1979, e Stalnaker, 1978).⁶¹

Vejamos um exemplo retirado de um dos áudios feitos no período em que estive na Galiza. O contexto é o seguinte: almoçávamos eu e um casal de amigos; eu contava que vi um grupo de italianos conversando com um grupo de galegos, e que um grupo não falava a língua do outro, mas que, no entanto, os dois grupos puderam manter uma conversa com certa compreensão por cerca de uma hora. Nisso, minha amiga diz:

“E despois faime gracia... os ghallegghos⁶² estúpidos da Coruña que che din que non entenden ghalleggho. Eles non están no País Basco, isto si pode ser que non entendas. Que fales castellano e non entendas ghalleggho é que ten... Na Coruña solo teñen unha neurona a xente.”⁶³

Afirmações como “faime gracia”, ou “Na Coruña solo teñen unha neurona a xente” ajudam a marcar um ponto de vista – no caso, o da defesa do uso do galego – e conduzem o restante da conversa. “Faime gracia” é uma introdução (irônica) ao conteúdo do que será dito, pois não é algo que o falante espera como comum, que deveria ocorrer naturalmente. “Solo teñen unha neurona a xente” é uma conclusão negativa sobre pessoas que, vivendo na Coruña, dizem não entender o galego. (Obviamente, o adjetivo em “os ghallegghos *estúpidos* da Coruña” também deixa bem marcado um julgamento sobre o tema.) A partir daí, os interlocutores partem de um ponto de vista comum, um *common ground* que inclui que se deve falar (ou no mínimo compreender) o galego na Galiza, dando suporte aos temas continuados na interação. De

⁶¹ Um exemplo que ouvi e pode ilustrar como uma afirmação pode ser uma avaliação: “O show estava cheio mas estava legal”. Para o falante, um show cheio deveria ser algo ruim, e ele foi positivamente surpreendido; e essa opinião está automaticamente pressuposta.

⁶² Optei por registrar o termo como foi falado, ainda que esteja fora das normas ortográficas da Real Academia Galega. O termo inclui o fenômeno fonético da gheada, que consiste na realização aspirada do fonema /g/: “[h]alle[h]o”.

⁶³ “E depois, acho engraçado... os galegos estúpidos da Corunha que te dizem que não entendem galego. Eles não estão no País Basco, lá sim pode ser que não se entenda. Mas falar castelhano e dizer que não entende galego é que tem... Na Corunha as pessoas só têm um neurônio.” (tradução livre minha)

fato, pouco depois, o outro interlocutor começa uma fala em castelhano e imediatamente se corrige, recomeçando em galego: “*Teñen de lo mejor... do mellor*”.

Deve-se saber, para compreender melhor a discussão, que na cidade de A Coruña fala-se pouco o galego em âmbito público. É uma cidade em que predomina o castelhano, e cuja mentalidade geral é do uso do castelhano em detrimento do galego. Isso pode estar relacionado ao histórico da cidade, de grande importância comercial, com grande circulação financeira e possível visão do castelhano como uma forma de maior internacionalização.

As opiniões expressas na interação contribuem para construir um contexto, um *common ground* entre os participantes, que podem estabelecer uma visão convergente sobre uma situação que, inicialmente, poderia envolver múltiplas perspectivas, assim eles partiriam de um mesmo ponto de vista sobre um tema ao falar, ao lidar com o objeto de conceitualização.

Como queremos ser “corretamente” interpretados para que a comunicação seja bem-sucedida, o falante deve levar em consideração o seu interlocutor. As pessoas, ao interagirem socialmente, mostram-se preocupadas com a sua imagem, pois o sucesso da interação muitas vezes pode depender da forma como nos apresentamos aos nossos interlocutores. Para se referir a essa imagem, Goffman (1967 [2011]) cunhou o termo *face*, definindo-o como o “valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico” (pp. 13-14). A face é um atributo socialmente construído, e, como veremos mais adiante, cada sociedade elabora um conjunto de práticas que podem atuar na preservação de faces.

Conforme dito por Dunbar (2004), citado por Haddad (2013: 62), a habilidade de ver o mundo pelo ponto de vista de outra pessoa é um pré-requisito fundamental para o êxito de uma interação social. Sendo assim, o sujeito, preocupado com a manutenção da face, busca construir um ponto de vista comum, de acordo com o que é tido como correto em seu meio social. É nesse ponto que podem contribuir os dativos interacionais, tanto o de interesse como o de solidariedade, conforme veremos na seção a seguir.

5.2 O processo de conceitualização do evento

Nesta seção, mostrarei que os dativos interacionais são marcas linguísticas que codificam a subjetividade dos interlocutores. Veremos que falante e ouvinte são ambos, nos termos de Langacker (1987, 2002, 2008), sujeitos de conceitualização: eles conceitualizam uma predicação, sendo esta o objeto de conceitualização. Sujeito e objeto de conceitualização são, respectivamente, quem vê e o que é visto em uma cena.

Conforme a representação da Figura 14, os falantes e ouvintes são os conceitualizadores ou os sujeitos de conceitualização, cada um com suas próprias atitudes e crenças. Eles ocupam a região *offstage*, no sentido de que não estão no centro de atenção. O evento de fala e o conteúdo ligado a ela, por outro lado, são os objetos de conceitualização, a parte objetiva. Eles ocupam a região *onstage*, pois estão no centro de atenção. Desse modo, falante e ouvinte constroem juntos o objeto de conceitualização.

Figura 14 – Conceitualização de uma cena

Adaptado de Langacker (2008)

Durante a conceitualização de uma cena, em um arranjo canônico, o conceitualizador predica o que observa sem fazer referência à influência que ele próprio tem na percepção; ou seja, ele, o sujeito conceitualizador (S), observa apenas o

objeto/entidade conceitualizada (E) e não a si mesmo observando o objeto.⁶⁴ Lembrando que esse é apenas um dos tipos de conceitualização; como veremos mais adiante, há outros em que o conceitualizador se coloca em cena, cada um com diferentes graus de subjetividade/objetividade.

Langacker diz que uma entidade é construída objetivamente quando é externa, porém acessível, ao conceitualizador, estando na região *onstage* como um foco específico de atenção. Por outro lado, um conceitualizador é construído subjetivamente quando ele direciona seu foco exclusivamente para uma região externa, permanecendo *offstage* e despercebido (Langacker, 2002: 16). Quando o sujeito da conceitualização (S) está fora da região *onstage*, diz-se que está *maximamente subjetivo* e que o objeto de conceitualização (E) está construído de modo *maximamente objetivo* (Figura 15a).

Figura 15a – Arranjo perspectival ótimo

Figura 15b – Arranjo perspectival egocêntrico

Adaptados de Langacker (1987)

⁶⁴ O exemplo que Langacker traz é a situação de um teatro. Quem assiste à peça direciona sua atenção ao palco, com o foco mais especificamente no ator que fala no momento. Nesse momento, o espectador tem pouca consciência de si ou das circunstâncias ao seu redor.

No entanto, é possível fazer referências aos sujeitos de conceitualização dentro da região *onstage*, junto ao objeto de conceitualização, por meio do que Langacker (1987, 2008) chama de *grounding*, operação que vincula instâncias de coisas ou eventos a situações de fala específicas, apontando para o *background* comum entre falante e ouvinte e ao contexto de fala. O termo *ground* é usado em Gramática Cognitiva para indicar um evento de fala, seus participantes (falante e ouvinte), sua interação e as circunstâncias imediatas (notavelmente, o tempo e o lugar de fala). Canonicamente, o *ground* (G) é composto pelo falante (F), o ouvinte (O) (ambos sujeitos de conceitualização) e a interação deles no contexto de fala (como representado na Figura 16). Os interlocutores interagem um com o outro como parte da interação; ao mesmo tempo, eles direcionam sua atenção à entidade (E) *onstage* em foco.

Figura 16 – O *ground* em relação à entidade conceitualizada

Adaptado de Langacker (2008)

A operação de *grounding* estabelece uma conexão entre os interlocutores e o conteúdo evocado por um nominal ou uma sentença (Langacker, 2008: 259), e o falante pode direcionar a atenção do ouvinte para um referente do discurso. Desse modo, o *ground* pode ser colocado na região *onstage*. Por exemplo, o nominal *gato* faz referência ao conceito de gato, mas não a um gato específico; porém, ao dizer *esse gato* ou *meu gato*, o falante seleciona um animal específico e aponta para sua posição em relação ao *ground* (está perto ou em posse do falante). Mesmo a marcação de tempo no verbo é uma exemplo de *grounding*, pois faz referência à posição do acontecimento em relação ao momento da enunciação.

Não faz muito sentido que os conceitualizadores/falantes apenas contemplem situações distantes ou abstratas, sem relação, direta ou indireta, com eles próprios; uma sentença terá uma utilidade comunicativa muito limitada caso a situação descrita não esteja de algum modo relacionada com os conceitualizadores (Langacker, 2002: 19-20). Uma vez que as pessoas estão quase sempre envolvidas com as situações que narram, não é surpreendente que os elementos do *ground* frequentemente sejam codificados na região *onstage*, ou ao menos incluídos no escopo da predicação como um ponto de referência *offstage* (Langacker, 1987: 130). Nesses casos, rompe-se a assimetria entre S e E, resultando em um menor grau de subjetividade do observador e um menor grau de objetividade da entidade sendo observada (conforme representado na Figura 15b). Os dativos interacionais pertencem a uma categoria gramatical em que o conceitualizador de um evento é projetado nesse evento sem estar diretamente envolvido no desenvolvimento da ação.

Ao estruturar uma cena, o falante estabelece relações entre ele e a cena estruturada (Langacker, 1987: 128). Ao utilizar o dativo interacional, o falante está trazendo um dos conceitualizadores junto à entidade *onstage* – o falante, no caso do pronome de 1ª pessoa, ou o ouvinte, no caso do pronome de 2ª pessoa.

Sendo assim, pronomes dativos interacionais podem ser definidos como marcas linguísticas que indexam a (inter)subjetividade conforme esta é definida por Traugott (2009), citada em Haddad (2013): o modo como a língua permite aos seus falantes expressar sua consciência sobre as atitudes e crenças, tanto as suas como as do destinatário. Assim, os dativos podem ser – além de marcadores referenciais de um dos argumentos do verbo, como já vimos – marcadores de (inter)subjetividade que selecionam um participante da fala como um colaborador/compartilhador de opinião.

Haddad (2013) estuda construções do árabe libanês que contêm pronomes dativos de 1ª ou 2ª pessoa que não são participantes da ação denotada pelo verbo, e que, diz ele, podem ser empregadas em fofocas (*gossip*) como ferramentas de influência social. A tarefa desses pronomes em árabe libanês é expressar uma atitude positiva ou negativa sobre os eventos descritos no discurso; permitem ao falante mover os participantes da fala da região *offstage*, onde atuam como conceitualizadores, para a região *onstage*, onde são conceitualizados como “sócios de atitude”.

O exemplo (103) abaixo se dá no seguinte contexto: duas pessoas falam sobre Samir, que se casou recentemente; uma pergunta à outra como foi o casamento, obtendo a seguinte resposta:

- (103) Wallah Sami:r ĩimil-**l-i** ĥafle bi-?ote:l xams nju:m.
 Por Deus! Samir fez-**DAT-1s** festa em hotel cinco estrelas.
*Por Deus! O Samir **me** fez uma festa em um hotel cinco estrelas!*⁶⁵

Segundo Haddad (2013: 63), há em (103) um julgamento positivo, aprovando o fato de Samir ter dado uma grande festa. Em (103), ao usar o pronome dativo de 1ª pessoa, o falante expressa seu posicionamento quanto ao evento. Quando há um julgamento positivo, pode-se interpretar que o falante estaria dizendo algo como “Considero tal evento louvável, e sei que você concorda comigo”.

Fiz uma versão em galego da sentença em árabe libanês, (104), e ela foi interpretada de modo muito semelhante, ou seja, que o fato de Gonzalo ter dado uma grande festa foi algo positivo.

- (104) Gonzalo fíxome unha grande festa para as vodas!
 Gonzalo fez-**DAT1s** uma grande festa de casamento!
*O Gonzalo **me** fez uma grande festa de casamento!*

No exemplo (105), os interlocutores A e B consideram o fato de Jamil viajar constantemente e usar apenas roupas caras como um sinal de que ele está indo muito bem. Nesta situação, falam sobre Jamil ter um novo emprego:

- (105) A: ki:f-o žami:l ha-l- iye:m?
 Como-ele Jamil esses dias?
Como vai o Jamil esses dias?
- B: Kil fahar bise:fer-**l-ak** a-balad ĩikil w-ma byilbis-**l-ak** ye:r aħla tye:b
 Todo mês ele.viaja-**DAT-2s** para-país diferente e-NEG ele.veste-**DAT-2s** além de novas roupas.
Ele agora viaja todo mês e só usa roupas caras.

Para Haddad, com o uso do dativo de 2ª pessoa em (105), o falante convida o ouvinte a compartilhar de seu posicionamento como um objeto de concepção, provavelmente certo de que o ouvinte compartilha da mesma opinião. Todavia, o falante também pode usá-lo de modo agressivo, como se dissesse “eu acho esse evento louvável, e não te dou a chance de discordar”.

⁶⁵ As glosas do árabe são baseadas nas traduções para o inglês propostas por Haddad.

O tópico do exemplo (106) é um homem que fez recentemente exames de sangue, e os resultados mostraram um alto nível de colesterol. O falante culpa os maus hábitos alimentares do homem por isso. Segundo Haddad (2013: 64), a informação sobre os hábitos alimentares referidos pode ser verdadeira ou não, o ponto é que o falante pode usar tal afirmação para expressar sua opinião sobre o que seria um comportamento adequado.

- (106) Ma: biye:kil-**I-i** ye:r ma e:le... eh ki:f ma raḥ yit la ma-o l-cholesterol!
 NEG ele-come-**DAT1s** além de fritura... então como NEG FUT subir com-ele o-colesterol!
*Ele só **me** come fritura... é claro que o colesterol dele vai subir!*

Os exemplos de Haddad são de dativos cujos referentes são parte do evento de fala mas não estão ligados à narrativa ou fofoca de modo temático, ou seja, como um argumento do verbo. Os “fofoqueiros” (*gossipers*), nesse caso, estão estabelecendo ou reafirmando o que é um comportamento aceitável ou inaceitável em sua comunidade (Haddad, 2013: 61).

De acordo com Verhagen (2005), citado por Haddad (2013), a subjetividade (região *offstage*) e a objetividade (região *onstage*) dos interlocutores nem sempre coincidem, ou seja, ouvinte e falante, enquanto conceitualizadores, com seus pensamentos e crenças, podem não compartilhar do mesmo “mundo real”. Desse modo, diz Haddad, o falante pode convidar o ouvinte a participar conjuntamente da conceitualização de um objeto, compartilhando sua subjetividade. Janda (2004) também examina o significado do caso dativo por meio de seu potencial de subjetividade: para ela, o caso dativo marca um item que tem a capacidade de reagir e, portanto, servir como sujeito de conceitualização.

Haddad (2013) conclui que, no uso do dativo interacional no árabe libanês, o falante convida o ouvinte a compartilhar de seu posicionamento em relação ao objeto de concepção, considerá-lo válido, adotá-lo.

Veja o exemplo do português brasileiro, já usado no Capítulo 4 e reproduzido aqui como (107). A mãe mostra que foi afetada de alguma forma pelo evento narrado. Aqui, há uma leitura possível de que há um aspecto negativo, ou que pelo menos não se espera que pessoas sentem no chiclete, deliberadamente, com vestido novo.

- (107) A [minha filha] Carol **me** sentou no chiclete com o vestido novo!

Os dativos interacionais estabelecem uma relação entre o evento narrado e um dos participantes do discurso, ocorrendo tipicamente em frases avaliativas ou imperativas (Miguel, Gonçalves e Duarte, 2011: 394). Por exemplo, apresentei as sentenças (108) e (109) para alguns falantes, que interpretaram (108) como uma asserção, em que há apenas uma afirmação (pelo menos quando apresentada sem contexto). Já em (109), interpretou-se que a mãe emite uma opinião, de desaprovação ou surpresa, por considerar que o normal seria comer carne. Apresentei as mesmas frases em português para colegas brasileiros, e as interpretações foram semelhantes.

- (108) Sabes que o meu fillo non come carne?
 Sabes que o meu fillo não come carne?
Sabia que o meu filho não come carne?

- (109) Sabes que o meu fillo non **me** come carne?
 Sabes que o meu fillo não **DAT1s** come carne?
*Sabia que o meu filho não **me** come carne?*

O uso do dativo de interesse galego, conforme vimos no Capítulo 4, é considerado uma forma de codificar uma avaliação do falante sobre o evento conceitualizado (Maldonado, 1994). O dativo de interesse marca uma pessoa cuja distância conceitual em relação ao verbo a torna externa à ação verbal, mas nem por isso alheia à conceitualização global do evento (Maldonado, 1994: 245). É o que se observa nos exemplos abaixo, já discutidos em capítulos anteriores:

- (110) Non **me** abre o xoves.
 Não **DAT1s** abre quinta-feira.
*Não **me** abre às quintas-feiras.*

- (111) Non **me** quede aí chorando!
 Não **DAT1s** fique aí chorando!
*Não **me** fique aí chorando!*

- (112) O meu fillo non **che** **me** come res.
 O meu fillo não **DAT2s** **DAT1s** come nada.
*(Veja só) O meu filho não **me** come nada!*

No uso do dativo de solidariedade, o falante busca certa cumplicidade do interlocutor ao que é falado, tentando estabelecer um ponto de vista em comum (Álvarez, 1997). Em (112) acima, a mãe parte do pressuposto de que o filho deveria se alimentar. Nesse exemplo, ela tanto expressa uma avaliação sobre o que está sendo dito

(com o uso do dativo de interesse) como ainda chama a atenção do ouvinte para isso, convidando-o a compartilhar do mesmo posicionamento (com o dativo de solidariedade). No exemplo (113) abaixo, o falante faz um julgamento sobre como a amizade citada começou e convida o ouvinte a compartilhar desse julgamento.

- (113) É**che** unha amistá que **ch'**encomenzou de ben mala maneira.
 É-**DAT2s** uma amizade que **DAT2s**-começou de bem má maneira.
É uma amizade que começou de maneira bem ruim.
 (TILG19, 1930)

Nem sempre é possível dizer com clareza o tipo de avaliação envolvido no uso do dativo de interesse. O exemplo (114) foi, no geral, avaliado pelos falantes de galego como um posicionamento negativo sobre o evento 'beber três cervejas em dois minutos', mas apontou-se que não está bem claro se é negativo ou positivo; a única coisa que se pôde afirmar é que não há neutralidade do falante, ou seja, (114) não pode ser interpretada como uma simples asserção.

- (114) Onte na festa, Paco bebé**ume** tres cervexas en dous minutos!
 Ontem na festa, Paco bebeu-**DAT1s** três cervejas em dois minutos!
*Ontem na festa, o Paco **me** bebeu três cervejas em dois minutos!*

Para representar esquematicamente os processos acima descritos, adaptei o modelo proposto por Haddad (2013: 67) na Figura 17, que apresenta falante (F) e ouvinte (O) interagindo entre si, em um *ground* (G) na região *offstage*, ao mesmo tempo que conceitualizam uma entidade (E) e codificam seu posicionamento (P) junto a essa entidade na região *onstage*. As figuras seguintes são propostas minhas para diferenciar os dois diferentes processos, o dativo interacional de interesse na Figura 18, e o dativo interacional de solidariedade na Figura 19.

Figura 17 – Posicionamento do conceitualizador na região *onstage*

Figura 18 – Posicionamento do falante na região *onstage*

Figura 19 – Posicionamento do ouvinte na região *onstage*

Nos esquemas acima, os sujeitos de conceitualização tomam como objeto de conceitualização não apenas o evento narrado, mas também o posicionamento dos conceitualizadores acerca desse evento. A diferença de como isso é feito é que na Figura 18 esse posicionamento é do falante, enquanto na Figura 19 o ouvinte é inserido para que tome um posicionamento.

Para Goodwin e Goodwin, ao apresentar uma avaliação sobre o que está sendo falado, o participante se compromete publicamente com uma valoração do ocorrido. Os outros interactantes poderão, assim, julgar a competência desse participante de avaliar apropriadamente eventos: “Na medida em que as avaliações tornam visível um agente avaliando um evento em seu mundo fenomenal, elas exibem a experiência do agente no evento, incluindo seu envolvimento afetivo no referente sendo avaliado” (1992: 155).

A atividade de realizar avaliações constitui uma ferramenta com a qual os participantes negociam e exibem entre si uma visão congruente dos eventos com os quais se deparam (Goodwin e Goodwin, 1992: 182). Com suas avaliações, os participantes mostram que, ao menos no ponto específico em questão, suas mentes estão juntas; eles julgam os fenômenos sendo discutidos de modo similar. Posicionar-se em relação ao evento narrado pode guiar o ouvinte sobre como deveria agir em relação aos fatos. Conforme a visão de Goodwin & Goodwin (1992: 179), os interlocutores não estão simplesmente ouvindo a conversa, mas também estão lidando com ela em termos de como se posicionam em relação a ela.

Retomando Goffman, citado em Marcotulio (2008: 63-64), há um repertório disponível em cada língua e cultura para sustentar as expectativas sociais. Cada sociedade apresenta seu próprio repertório de práticas de elaboração de face,⁶⁶ e para que um indivíduo o utilize de forma adequada, deve estar consciente das interpretações que os outros possam fazer de seus atos.⁶⁷ Os dativos interacionais fornecem uma forma

⁶⁶ Elaboração da face: “as ações através das quais uma pessoa é capaz de tornar qualquer coisa que esteja fazendo consistente com a face. Esta elaboração serve para contrabalançar ‘incidentes’ – isto é, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a face” (Goffman, 1980: 82).

⁶⁷ Segundo Goffman (1967 [2011]: 19-20), a manutenção da face é uma condição, e não um objetivo, da interação: as pessoas precisam ter consciência dos papéis sociais que estão desempenhando (ter a capacidade de evitar o desfiguramento da face, garantir que as duas faces envolvidas no processo interativo sejam mantidas), para seguir uma conduta condizente – moralmente apropriada – com o papel que desenvolve. Para que a comunicação seja estabelecida com harmonia, as faces devem ser preservadas. Clark (1996: 100) sugere que as pessoas tenham dois grandes tipos de bases compartilhadas: uma está calcada no que se sabe sobre a comunidade cultural a que pertence a pessoa; outra está relacionada às experiências pessoais diretas que as pessoas têm entre si.

convencionalizada de apontar para um dos participantes do discurso para regular o andamento da interação, seja ao fazer julgamentos sobre o que está sendo dito, seja para buscar a cumplicidade do interlocutor para a ação narrada. Ao fazer convergir seus pontos de vista, os interlocutores podem partir de um ponto comum para dar sequência à interação, ou ao menos saberem de que ponto cada um parte quando não há consenso.

Este capítulo deixa uma ponta solta: são necessários dados de interações mais amplas para verificar como os interlocutores expressam seus posicionamentos e, mais além, como cada um lida com os posicionamentos dos outros ao longo de uma conversa. Idealmente, gravações de falantes de galego seriam feitas, transcritas e analisadas. Como não havia esse intuito no começo da pesquisa, não reuni material dessa natureza; fica aqui a ideia para um projeto futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três primeiros capítulos desta dissertação são de apresentação: do objeto e suas questões, do contexto histórico e linguístico em que se encontra, e da metodologia e fonte dos dados.

No Capítulo 1, trouxe uma breve história da formação da língua e do povo galegos, mostrando sua ligação histórica com o português. A região da *Gallaecia*, antes habitada por celtas e estendendo-se até parte do norte de Portugal, foi ocupada por tropas romanas, e posteriormente por suevos e visigodos. E ainda que o galego-português seja a língua mais a ocidente da România, e portanto distante de Roma, a principal assimilação linguística foi a latina. Questões extralinguísticas, como o domínio da coroa de Castela, foram decisivas para definir a atual situação da língua galega: relegada aos âmbitos privados, principalmente à população do campo, teve sua retomada como língua nacional e identitária somente no século XIX. No entanto, tal retomada foi interrompida logo nas primeiras décadas do século XX com a guerra civil espanhola e a consequente ditadura franquista, período em que foi proibido o uso de qualquer língua que não fosse o castelhano em território espanhol. Em seguida, apresentei um breve panorama da atual situação de diglossia do galego, com sua luta para se afirmar enquanto língua nacional do povo, buscando valorização social e equidade enquanto língua co-oficial.

No Capítulo 2, apresentei mais detalhadamente o objeto de análise, os *dativos interacionais*, que são um grupo de pronomes dativos que não se referem aos participantes da ação denotada pelo verbo (não são argumentos do verbo). Esses pronomes são tidos como uma forma de incluir um ou mais interlocutores na conceitualização do evento que o verbo denota, e estão associados a interações em que há alguma intimidade entre os participantes – ou pelo menos em que se busca a criação dessa intimidade –, ou podem ser usados para buscar a cumplicidade do interlocutor com o que está sendo falado (Álvarez, 1997; Fried, 2011; Haddad, 2013; Rioboó, 2004). No galego, podem ser usados com essa função os pronomes de 1ª pessoa singular (*me*), o de 2ª pessoa singular (*che*) e plural (*vos*) e o de 3ª pessoa (*lle*) quando usado como forma de cortesia e se refere ao interlocutor.

Nesse segundo capítulo, trouxe a base teórica que dá suporte à minha análise. Mostrei que as minhas perguntas eram diferentes de parte das perguntas feitas por outras teorias, como a gerativista, cujos trabalhos são quase todos de natureza morfossintática, com questões sobre a atribuição de caso, estrutura argumental, etc. Diferentemente desses estudos, a minha pesquisa colocou no centro as questões semântico-pragmáticas, principalmente à luz da Gramática Cognitiva, abordando o uso pragmático desse pronome como uma extensão semântica do caso dativo.

Há uma certa limitação nos dados que retirei dos *corpora* informatizados, pois o objeto central da pesquisa está diretamente ligado ao âmbito da interação, que tem na conversa face a face sua configuração mais básica (Clark, 1996), e grande parte do material usado era de textos escritos, salvo as interações e entrevistas que registrei em campo. Isso foi brevemente discutido no Capítulo 3, quando apresentei a natureza dos dados usados, mas também teve reflexo na análise do Capítulo 5, como já veremos.

Nos capítulos 4 e 5 está a discussão central da pesquisa. No Capítulo 4, fiz um estudo sobre a semântica do caso dativo (Berlinck, 1996; Fried, 2011; Jakobson, 1936; Janda, 1988, 1993; Langacker, 1987, 2008; Van Hoecke, 1996; Wierzbicka, 1988), e o organizei de acordo com a Teoria dos Protótipos de Rosch (1973, 1978, 1999) e o trabalho de Lakoff (1982, 1987) sobre os processos de categorização da mente humana. Tomei o caso dativo e sua rede semântica como uma categoria, que tem seu membro mais central e representativo (o protótipo) e extensões mais próximas ou mais distantes desse protótipo. Vimos que diferentes usos do dativo podem ir gradativamente se afastando da sua função prototípica de objeto indireto requisitado na estrutura argumental do verbo (ao menos nas línguas nominativo-acusativas estudadas), cuja noção central é a de transferência material: uma fonte de energia causa ao referente de um nominal passar para o domínio de acesso do referente de outro nominal. A partir dessa função central, criam-se extensões semânticas por relações de metáfora, por metonímia, antonímia e sinonímia. Por exemplo, uma extensão via metonímia “consiste na transferência de um termo para o âmbito de um significado que não é o seu, processado por uma relação cuja lógica se dá, não na semelhança, mas na contiguidade das ideias” (Azeredo, 2008: 485): o dativo marca o referente afetado por uma transferência imaterial, preservando a noção de transferência de energia, porém saindo do campo semântico da transferência de objetos concretos. Os dativos interacionais

estão entre as extensões via metáfora, que podem projetar as relações do caso dativo para outros campos semânticos ou mapear as relações de caso para outros domínios. Os dativos interacionais mapeiam as relações do dativo – de transferência e afetação – para o domínio do ato de fala.

Na análise proposta por Janda (1993), há um grupo que a autora chama de *dativos livres*, nos quais estariam dativos interacionais e dativos de posse. O esquema que ela apresenta para representar as relações semânticas desse grupo, no entanto, fala de uma expansão do domínio de acesso do dativo, domínio no qual o acusativo seria afetado por sua relação com o dativo. A meu ver, esse esquema está muito bem colocado para representar o dativo de posse, que se mantém no domínio da predicação, porém não é satisfatório para os dativos interacionais, visto que estes marcam um mapeamento entre domínios diferentes: o da predicação e o do ato de fala. Sendo assim, propus um esquema diferente (figuras 12 e 13, respectivamente nas páginas 69 e 73) para cada dativo interacional, dessa vez representando o mapeamento entre domínios.

No Capítulo 5, trouxe estudos de Clark (1996) e Cornejo (2004) que veem a linguagem como uma construção conjunta, e o significado linguístico como algo que emerge da interação, considerando a língua um objeto tanto cognitivo como social. A partir do trabalho de Goodwin e Goodwin (1992), vimos que, ao falar, não estamos apenas descrevendo coisas e fatos no mundo, mas, de alguma forma, fazemos também constantes avaliações dos eventos narrados. O dativo interacional, como mostrado por Haddad (2013), pode operar como uma estratégia de avaliação do conteúdo do evento narrado, pois pode expressar um posicionamento do falante e/ou buscar um posicionamento cúmplice do ouvinte.

Vimos que as línguas podem licenciar estruturas que contêm, além dos participantes, um não participante; ou seja, uma entidade nominal que não é selecionada pela ação denotada pelo verbo e que não participa do evento, como mostra Haddad (2013). Para o autor, pronomes dativos opcionais podem ser definidos como marcas linguísticas que permitem aos falantes expressar sua própria consciência e as atitudes e crenças do destinatário. A tarefa dos pronomes interacionais também pode ser expressar uma atitude positiva ou negativa sobre os eventos descritos no discurso. Os dativos interacionais fornecem uma forma convencionalizada de apontar os participantes do discurso para propostas interacionais específicas.

Dentre o que foi feito nesta pesquisa, penso que alguns pontos poderiam ser mais elaborados. Por exemplo, autores como Jakobson (1936), Smith (1985) e Langacker (1987) citam o potencial agentivo do dativo: seu referente pode vir a ser o agente de uma ação futura. Esse é um aspecto que poderia estudar com maior profundidade em outro momento. Sei que há pesquisas sobre o referente dativo com função de agente em outras línguas, e isso pode dar conta da noção de transferência de energia, que assim não se dissiparia por completo, mas sim ficaria latente, podendo ser ou não utilizada.

Vendo os estudos de Goodwin e Goodwin (1992) e Goffman (1967, 1980), além de outros que tratam da multimodalidade na interação face a face, notei que seria muito rico recolher um novo tipo de material para estudar o dativo interacional, registrando conversas entre falantes de galego, vendo como eles negociam cada turno de fala, e como o pronome interacional vai direcionando as microtarefas realizadas ao longo de uma conversa.

Por fim, gostaria de apresentar um dos motivos (extralinguísticos) que me fizeram escolher o galego como objeto de estudo. Durante o período em que estudei a língua na graduação e o período de permanência na Galiza, estive em contato com constantes discussões acerca da cultura e da língua, bem como de sua relação com a sociedade e as instâncias de poder, tomando as línguas como instrumentos de poder, controle, mas também de resistência. Um ponto que me fez escolher os estudos de linguística galega foi o de tomar tal língua como objeto de estudo formalizado, tirando-a do âmbito a que muitas vezes é relegada: de língua minoritária, excêntrica, folclórica (como um mero meio de manutenção da tradição do passado); queria tratá-la como o que vi, principalmente em Santiago de Compostela: uma língua viva, usada nas ruas, nos comércios, nas universidades e na ciência. Os estudos acerca de questões de bilinguismo, diglossia etc. contribuíram para essa decisão. Os trabalhos de Ferguson (1959) e Kloss (1967) ajudaram a tornar claro para mim que em comunidades em que mais de uma variedade ou língua convivem, com diferentes prestígios sociais, aquela considerada a “melhor” língua é tradicionalmente mais estudada, como se fosse mais digna de ser objeto de estudo, com os méritos necessários para ser objeto científico. Por conta disso, as variedades em situação diglósica apresentam diferenças quanto ao nível de elaboração: as que gozam da posição funcional e/ou social elevada adotam ser objeto de

uma elaboração linguística maior que as reduzidas à baixa (Monteagudo, 1999). Daí a importância de perpetuação dos estudos acerca das línguas minorizadas.

Não estou em posição de opinar sobre como deveria ser moldado o futuro da língua, mas acredito que, enquanto línguas irmãs, galego e português poderiam se apoiar mutuamente, conhecendo-se melhor e contribuindo entre si como um bloco, tanto como forma de resistência, para o galego, como meio de intercompreensão de parte de sua herança cultural, principalmente para a lusofonia.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA DE LA LINGUA ASTURIANA (2001). *Gramática de la Llingua Asturiana* 3ª ed. Uviéu.
- ÁLVAREZ, R. (1997) "O complemento de solidariedade: a complicidade entre os interlocutores". *Actas do IV Congreso Internacional de Estudios Galegos*. Universidade de Oxford, pp. 37-53.
- ÁLVAREZ, R.; REGUEIRA, X. L.; MONTEAGUDO, H. (1986) *Gramática Galega*. Vigo: Editorial Galaxia.
- AZEREDO, J. C. (2008) *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, pp. 418-422.
- BARREIRO, X. V. (1997) "A existencia de dúas expresións clíticas de segunda persoa singular en galego". In: SALGADO, B. F. (ed.): *Actas do IV Congreso Internacional de Estudios Galegos*. Oxford: Centre for Galician Studies, vol. 1, pp. 319-342.
- BASSETTO, B. F. (2001) *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: Edusp.
- _____. (2010) *Elementos de Filologia Românica II*. São Paulo: Edusp.
- BERLINCK, R. A. (1996) "The Portuguese Dative". In: *The Dative*. Vol. 1: Descriptive Studies. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 119-151.
- CASTELAO, A. D. R. (1944) *Sempre en Galiza*. Vigo: Editorial Galaxia [2014].
- CLARK, H. H. (1996) *Using Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- CORNEJO, C. (2004) "Who Says What the Words Say?: The Problem of Linguistic Meaning in Psychology". In: *Theory & Psychology* vol. 14, n. 5, pp. 5-28.
- ELIA, S. (1974). *Preparação à Linguística Românica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- EVANS, V.; GREEN, M. (2006) *Cognitive Linguistics: An Introduction*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- FERGUSON, C. A. (1959) "Diglossia". In: *Word*, vol. 15, pp. 325-40.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. (1988) *Clíticos em galego: uma discussão dentro do quadro da Teoria de Regência e Vinculação*. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp.
- FRIED, M. (2011) "The notion of affectedness in expressing interpersonal functions". In: Grygiel, M. & Janda, L. A. (eds.) *Slavic linguistics in a cognitive framework*, pp. 121-143. Frankfurt am Mein: Peter Lang.

- GOFFMAN, E. (1967) *Ritual de interação: Ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes [2011].
- _____. (1980) "A Elaboração da face – Uma análise dos elementos rituais da interação social". In: FIGUEIRA, S. (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- GOODWING, C.; GOODWING, M. H. (1992) "Assessments and the construction of context". In: DURANTI, A. & GOODWING, C. (eds.) *Rethinking context: language as an interactive phenomenon*. Cambridge, EUA: Cambridge University Press.
- GRANDGENT, C. H. (1907) *An Introduction to Vulgar Latin*. Honolulu: University Press of the Pacific, reimpressão de 2002.
- HADDAD, Y. A. (2013) "Pronouns and intersubjectivity in Lebanese Arabic gossip". In: *Journal of Pragmatics* 49, pp. 57-77.
- HAUY, A. B. (2008) "Séculos XII, XIII e XIV". In: SPINA, S. (org.). *História da Língua Portuguesa*. Cotia: Ateliê Editorial.
- JAKOBSON, R. O. (1936) "Contribution to the General Theory of Case: General Meanings of the Russian Cases". Reimpresso em: *Russian and Slavic Grammar*. Berlin: Mouton [1984], pp. 59-103.
- JANDA, L. A. (1988). "Pragmatic vs. Semantic Uses of Case". In: DIANE, B. et al. (eds.) *Chicago Linguistic Society 24-I: Papers from the Twenty-Fourth Regional Meeting*. Chicago: University of Chicago Press, pp. 189-202.
- _____. (1993) *A Geography of Case Semantics: the Czech dative and the Russian instrumental*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- _____. (2004) "The Dative Case in Czech: What it Means and How it Fits in". In: *Společnost pro vědy a umění* 2003, disponível em: <http://www.svu2000.org/conferences/papers.htm>.
- KEMMER, S. (1994) "Middle Voice, Transitivity, and the Elaboration of Events". In: FOX, B.; HOPPER, P. J. (eds.) *Voice: Form and Function*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 179-230.
- KLOSS, H. (1967) "Abstand Languages and Ausbau Languages". In: *Anthropological Linguistics*, vol. 9, n. 7, pp. 29-41.
- LAGARES, X. C. (2011) "Minorias linguísticas, políticas normativas e mercados: uma reflexão a partir do galego". In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (orgs.) *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial.
- LAKOFF, G. (1987) *Women, Fire, and Dangerous Things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. (1980) *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press.

- LANGACKER, R. W. (1987) *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol. I – Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- _____. (1991) *Foundations of Cognitive Grammar: descriptive application*, vol. 2. Stanford University Press.
- _____. (2002) “Deixis and subjectivity”. In: Brisard, F. (ed.) *Grounding*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- _____. (2008) *Cognitive grammar*. A basic introduction. Oxford/NYork: Oxford University Press.
- LEITE, M. A. (2006) *Resultatividade: Um estudo das construções resultativas em Português*. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras. Tese de doutorado.
- MALDONADO, R. (1994) “Dativos de interés, sin intereses”. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, Anexo VI. Porto: Universidade do Porto, pp. 241-264.
- MARCOTULIO, L. L. (2008) *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MAURER, T. H. (1951) *A Unidade da România Ocidental*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Boletim 126.
- MERVIS, C.; ROSCH, E. (1981) “Categorization of natural objects”. *Annual Review of Psychology* 32, pp. 89-115.
- MIGUEL, M.; GONÇALVES, A.; DUARTE, I. (2011) “Dativos não argumentais em português”. *XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL, pp. 388-400.
- MONTEAGUDO, H. (1999) *Historia social da lingua galega*. Vigo: Galaxia, 1999.
- RIOBOÓ, M. S. C. (2004) “O status dos pronomes de solidariedade galegos dentro da teoría da gramática xenerativa de Chomsky”. *A Lingua Galega, Historia e Actualidade. Actas do I Congreso Internacional*. Instituto da Lingua Galega, pp. 43-49.
- _____. (1990) *Ethical Datives and Solidarity Clitics in Galician*. University of Kansas. MA Thesis.
- RODRÍGUEZ, A. M. (1996) “O dativo ético no português e no galego”. In: *Anais do I Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Consultado na página do CiFEFiL – Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos <http://www.filologia.org.br/anais/anais_212.html>.
- ROSCH, E. (1973) “Natural categories”, *Cognitive Psychology* 4, pp. 328-350.

- _____. (1978) "Principles of Categorization". In: Rosch, E. & Lloyd, B. B. (eds.) *Cognition and Categorization*, Lawrence Erlbaum Associates. Hillsdale, NJ, pp. 27-48.
- _____. (1999) "Reclaiming Concepts". In: Nunez, R. & Freeman, W. J. (eds.) *Reclaiming cognition: The primacy of action, intention and emotion*. Thorverton: Imprint Academic, pp. 61-76.
- SEQUEIROS, X. R. (2004) "A pragmática do galego". *A lingua galega, história e actualidade. Actas do I Congreso Internacional*. Consello da Cultura Galega, Instituto da Lingua Galega, pp. 175-187.
- SMITH, M. B. (1985) "Events chains, grammatical relations, and the semantics of case in German". *Chicago Linguistic Society* 21, pp. 388-407.
- STROZER, J. (1978) "On the So-Called 'Dative of Interest'". *Hispania* Vol. 61, n. 1, pp. 117-123.
- VAN HOECKE, W. (1996) "The Latin Dative". In: *The Dative*. Volume 1: Descriptive Studies. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 3-37.
- VILLARES, R. (2004) *História da Galiza. Uma memória dos avós europeus*. Tradução Valéria Gil Condé, Isabel Tomé Freire. Vigo: Mar Maior Editorial Galaxia [2015].
- WIERZBICKA, A. (1986) "The meaning of a case: A study of the Polish dative". In: Brecht, R. D. & Levine, J. D. (eds.) *Case in Slavic*. Columbus: Slavica, pp. 386-426.
- _____. (1988) *The semantics of grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Corpora:

- SANTAMARINA, A. (coord.) Tesouro informatizado da lingua galega. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. <<http://ilg.usc.es/TILG/>>
- TMILG = Varela Barreiro, Xavier (dir.). (2004) Tesouro Medieval Informatizado da Lingua Galega. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. <<http://ilg.usc.es/tmilg>>.

APÊNDICE A – Siglas das obras do *corpus*

I – Dados do TMILG – Tesouro Medieval Informatizado da Lingua Galega

TMILG1 – “Crónica Xeral e Crónica de Castela”. Ramón Lorenzo (ed.) (1975). Tradução galega da “Crónica General y de la Crónica de Castilla”. Ourense, 1295-1312.

II – Dados do TILG – Tesouro Informatizado da Lingua Galega

TILG1 – “Os ausentes de Casteltón”, Jacobo Barros. Santiago de Compostela, 2005.

TILG2 – “Fuchicadas”, Pedro Borreiro (Saturnino Piñeiro). Ponteareas, 1927.

TILG3 – “Segundo diálogo dos esterqueiros”, no volume: Papés d'emprenta condenada. A escrita galega entre 1797 e 1846. Ramón Mariño Paz (ed.). Santiago de Compostela, 2008.

TILG4 – “Versos gallegos”, José Nogueiro y Camba. Santiago de Compostela, 1703.

TILG5 – “Terra brava. Contos da solaina”, Ánxel Fole. Vigo, 1955.

TILG6 – “Contos da veira do lar (Cuentos Gallegos)”, Heraclio Pérez Placer. Santiago de Compostela, 1901.

TILG7 – “Os libros arden mal”, Manuel Rivas. Vigo, 2006.

TILG8 – “Tempos novos, nº 5”. Santiago de Compostela, 1997.

TILG9 – “O camiño de Middelharnis”, Xosé Cid Cabido. Vigo, 1988.

TILG10 – “As Églogas de Virxilio”, Avelino Gómez Ledo. A Coruña, 1930.

TILG11 – “O corazón portugués”, Ramón Loureiro. Vigo, 2000.

TILG12 – “Contos”, Xerardo Díaz Fernández. Montevideo: Patronato da Cultura Galega, 1985.

TILG13 – “A campaña de Caprecórneca”, Luís Otero Pimentel. A Habana, 1908.

TILG14 – “Contos da terriña”, Heraclio Pérez Placer. A Coruña, 1895.

TILG15 – “O caderno”, Xabier López López. Santiago de Compostela, 2001.

TILG16 – “Aguillóns de Ortegal”, Hixinio Puentes. Vigo, 2005.

TILG17 – “Nausícaa”, Millán Picouto. Ourense, 2001.

TILG18 – “O sol na crista do galo”, Manuel Lueiro Rey. Sada: 1982.

TILG19 – “Obras Teatrales Galegas”, Avelino Rodríguez Elías. Vigo: 1930.

APÊNDICE B – Pesquisa *on-line*

Ola!

Son unha estudante brasileira que investiga a lingua galega. Moitísimas grazas por contribuír coa miña investigación! Por favor, responda as preguntas de acordo coa súa intuición de falante, que expresión lle parece mellor, sen aterse a normas gramaticais.

1) Identificação dos informantes: idade e local de nascimento. Usar perguntas abertas

. Cidade de nacemento:

. Súa idade:

2) Cal forma parécelle máis común ou que usaría máis?

Dóeme a cabeza.

A miña cabeza doe.

Dóeme a miña cabeza.

Opções para assinalar: Nunca usaría; Raramente usaría; Usaría regularmente.

3) "Dóencheme moito os pés."

Na oración arriba, a quen pertencen os pés?

Resposta aberta.

4) "Rompéucheme un dente."

A quen pertence o dente?

Opções para assinalar: Ao falante; Ao oínte; Ambiguo: poden ser os dous; Indeterminado.

5) "Morreuche o gato."

"Morreuche o gato a ti."

"Morréucheme o gato."

É posíbel saber a quen pertence o gato?

Opções para assinalar: Non; Si, a _____.

6) Unha nai di á outra: "O neno non me come a comida." É posíbel saber quen fixo a comida?

Opções para assinalar: Non; Si, fíxoa _____.

7) En "O neno non che me come a comida.", é posíbel saber quen fixo ou a quen pertence a comida?

Opções para assinalar: Non; É ambiguo; Si, ____.

8) Por favor, coloque en orde crecente o grao de intimidade entre falante e oínte nas oracións.

☐ O neno non come a comida.

☐ O neno non me come a comida.

☐ O neno non che me come a comida.

Opções: 1 = menos intimidade; 2 = intimidade intermediaria; 3 = máis intimidade.

9a) "Morreuche o can de Carlos." O oínte xa sabía que morrera o can?

Opções para assinalar: Si; Non; Non é posíbel saber./Necesita máis contexto.

9b) O oínte tivo participación na morte do can?

Opções para assinalar: Si; Non; Non é posíbel saber./Necesita máis contexto.

10a) "Dixéronme que che morreu o can de Carlos." O oínte xa sabía que morrera o can?

Opções para assinalar: Si; Non; Non é posíbel saber./Necesita máis contexto.

10b) O oínte tivo participación na morte do can?

Opções para assinalar: Si; Non; Non é posíbel saber./Necesita máis contexto.

11a) "Dixéroncheme que morreu o can de Carlos." O oínte xa sabía que morrera o can?

Opções para assinalar: Si; Non; Non é posíbel saber./Necesita máis contexto.

11b) O oínte tivo participación na morte do can?

Opções para assinalar: Si; Non; Non é posíbel saber./Necesita máis contexto.

12) A) Morreuche o can de Carlos.

B) Dixéronme que che morreu o can de Carlos.

C) Dixéroncheme que morreu o can de Carlos.

En cal oración parécelle que hai máis intimidade entre falante e oínte?

Opções para assinalar: 1 = menos; 2 = intermedio; 3 = máis; Non hai diferenza.

13) A) "Haiche moitos museos na cidade."

B) "Háichevos moitos museos na cidade."

Cal é a diferenza entre usar A e B?

Resposta aberta.

14a) "O policía páranos o coche e pregúntanos: 'queredes que vos leve?'" É posíbel saber a quen pertence o coche?

Opções para assinalar: Non; Si, a ____.

14b) É posíbel saber quen conduce o coche?

Opções para assinalar: Non; Si, ____

15) A) O policía páranos o coche e pregúntanos: "queredes que vos leve?"

B) O policía párachenos o coche e pregúntachenos "queredes que vos leve?"

Hai diferenza no grao de implicación do oínte co feito narrado en A e B?

Opções para assinalar: Non; Si: ____.

16) Por favor, sinala a quen 'a xente vén con historias' en cada oración.

Esta xente sempre me vén con historias.

Esta xente sempre che vén con historias.

Esta xente sempre me vén con historias.

Opções para preencher: A min; A ti; A un non presente; Indeterminado.

17a) Vostede usaría a oración "Estan todos ben tolos"?

Opções para assinalar: Usaría; Raramente usaría; Non usaría nunca.

17b) E a oración "Estanche todos ben tolos."?

Opções para assinalar: Usaría; Raramente usaría; Non usaría nunca.

17c) E "Estanche todos ben tolos a ti."?

Opções para assinalar: Usaría; Raramente usaría; Non usaría nunca.

18) Vostede usaría as oracións abaixo?

Non me chames despois das onze da noite!

Non che me chames despois das onze da noite!

Dille que necesitei marchar.

Díchelle que necesitei marchar.

Dille que che necesitei marchar.

Volva antes do xantar.

Volvache antes do xantar.

Volvame antes do xantar.

Classificar com: Usaría facilmente; Raramente usaría; Nunca usaría.

Agora é sobre se hai ou non algún tipo de avaliación ou xulgamento sobre o feito narrado. Non hai que considerar as súas opinións persoais, pero si o que parece que quere dicir o falante.

19)

a) Sabes que o meu fillo non come carne?

b) Sabes que o meu fillo non me come carne?

En a e b, parece que a nai expresa unha opinión sobre o feito de comer carne?

Resposta aberta.

20) “Onte na festa, Paco bebéume tres cervexas en dous minutos!”

Parécelle que, para o falante, o feito de beber rápido é:

Opções para assinalar: positivo; negativo; neutro.

21) Contexto: Un rapaz busca sitio para comer xa tarde da noite e di:

a) O restaurante non abre o xoves.

b) O restaurante non me abre o xoves.

A opinión do rapaz sobre o restaurante estar pechado ao dicir a):

Opções para assinalar: é positiva; é negativa; é neutra.

22) E ao dicir b?

Opções para assinalar: é positiva; é negativa; é neutra.

23) Gonzalo fíxome unha grande festa para as vodas!

Parécelle que, para o falante, o feito de facer unha grande festa de vodas é:

Opções para assinalar: positivo; negativo; neutro.

Moitas grazas pola súa participación. Se hai algo que queira comentar, pode facelo no cadro abaixo ou polo correo *****.

Unha aperta!